

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. NOVAS FORMAS DE MORAR, NOVAS FORMAS DE VIDA.....	07
2. BRASÍLIA: O PROJETO, A CIDADE E O HABITAR	
2.1 A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E SEUS ANTECEDENTES.....	14
2.2 SUPERQUADRAS E SEU CONCEITO DE MORAR.....	16
2.3 REVISÃO DAS SUPERQUADRAS.....	21
2.4 O LUGAR DA NOVA SUPERQUADRA.....	26

3. REFERENCIAIS PROJETUAIS

3.1 EDIFÍCIO FIDALGA (SÃO PAULO).....	31
3.2 EDIFÍCIO WOZOCO (AMSTERDÃ).....	35
3.3 CIBOGA (PAÍSES BAIXOS).....	38

4. DA PROPOSTA AO PROJETO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO USUÁRIO.....	41
4.2 PARTIDO.....	42

REFERÊNCIAS.....	50
------------------	----

ANEXOS

“(...) de um lado, como crescer assegurando a permanência do testemunho da proposta original; de outro, como preservá-la sem cortar o impulso vital inerente a uma cidade jovem.”

(Lucio Costa, Introdução Brasília Revisitada)

INTRODUÇÃO

Caros membros da banca examinadora,

Os senhores (as) devem estar se perguntando por que uma justificativa de TFGr está sendo escrita em formato de carta. Ora, senhoras e senhores mais do que uma simples justificativa este texto se mostra muito mais como uma revisão pessoal e profissional, agregado à minha escolha do tema “*Uma Nova Superquadra para Brasília*”, quero por meio deste formato agregar os valores sentimentais de não apenas um profissional e sim de um brasileiro e ex-morador das superquadras.

A justificativa inicial para a escolha do tema foi aprimorar os conhecimentos teóricos/ históricos acerca da construção de Brasília, focado mais em sua escala residencial. O conhecimento adquirido por mim sobre as superquadras se deu mais (como disse anteriormente) por uma convivência e vivência no espaço construído (102 e 113 Norte). Antes mesmo de saber o sentido de *genius loci*¹, pude por habitar o local sentir o espaço urbano. As superquadras com seu jogo de cheios e vazios (prevalecendo o último) e espaço bucólico, convida

¹ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci. Towards a phenomenology of architecture*. Londres, Academy Editions, 1980.

o usuário a fruir e se não dizer transcender, evocando um *divus loci*², no sentido mais exacerbado da palavra.

Pretendo através deste trabalho, construir uma superquadra considerando a preservação de alguns parâmetros projetuais ditados por Lúcio Costa, adaptando ao modo de morar do homem atual e da dinâmica da metrópole. O presente trabalho pode ser considerado uma investigação sobre o quanto o sistema de organização moderna, pode afetar propostas presentes. Para muitos membros da banca essa tentativa pode soar incoerente e contraditória, porém pelos dizeres de Lúcio Costa, essa proposta pode se tornar viável:

Não se deve pretender engaiolar o futuro. [...] Assim, quando os tempos mudarem e a vontade for outra, as proposições originais poderão sempre ser repensadas e atualizadas sem quebra – talvez – daquelas proposições fundamentais que, até certo ponto, servirão para balizar a futura configuração da cidade. (COSTA, 1974. pg. 299)

Completando seu raciocínio quanto às superquadras:

As limitações impostas no caso de Brasília são, na verdade, mínimas, [...] nas superquadras restringem-se apenas à obrigatoriedade dos pilotis e ao gabarito de seis pavimentos [...]; se uns tantos partidos de implantação se repetem, isto resulta simplesmente do comodismo e da falta de imaginação dos organismos ou empresas responsáveis. [...] ³ (COSTA, 1974. pg. 300)

² Neologismo. Na tradução do latim significa “*deus do lugar*”, sentido mais transcendente de *genius loci*

O trabalho pretende analisar se realmente as limitações para se construir uma nova superquadra são na verdade “mínimas”, uma vez que estamos falando de uma idéia tombada. Compreendo que o conceito de superquadras não é reprodutível, pois foi necessário todo um contexto sócio-cultural para concretizá-lo, porém acredito que possa contribuir futuramente com a busca da essência das superquadras, propiciando “um estilo de vida diferente, mais saudável e mais sereno.” (COSTA, 1974. pg.301), ambicionado e conquistado por Lúcio Costa.

A pesquisa irá fazer um breve panorama dos novos modos de morar, para depois entender como se deu a compreensão do habitar para Lúcio Costa em uma determinada época, com sua proposta das superquadras. O projeto assunto deste trabalho será o rebatimento acerca do “novo habitar” em Brasília. Entendendo que, assim como as outras cidades mundiais, a capital do Brasil também deve ser projetada considerando os hábitos de morar do homem contemporâneo, que apesar de algumas metáforas, não é uma máquina e sim um *cyborg*³, ser híbrido que necessita das máquinas para suas

tarefas cotidianas. O habitante de Brasília, como ser inserido em uma cultura global, não foge dessa prerrogativa. Apesar de ter um caráter local, a cultura brasiliense também é dependente das novas tecnologias. A cidade não pode ficar engessada nos moldes do homem utópico, e sim considerar as novas formas de morar do homem atual, tecnológico e conectado.

Para entender os novos modos de morar, o referencial teórico adotado são alguns trabalhos do grupo de pesquisa Nomads.usp da Universidade de São Paulo (USP). O grupo investiga o habitar contemporâneo e a nova configuração dos grupos domésticos no Brasil, no caso deste referente trabalho o usuário da nova superquadra será o estudante da Universidade de Brasília. Para isso será feita uma breve caracterização dos costumes destes usuários, atentando quanto suas necessidades e seus hábitos em um ambiente universitário.

Espero que a proposta para o Trabalho Final renda boas conclusões acerca do confronto teórico e prático entre o habitar moderno e contemporâneo.

Grato pela atenção de todos,

Rodrigo Machado Gomes dos Santos

³ “O termo *Cyborg* é uma acrossemia de CIBerneticoORGanism, ou seja, organismo cibernético formado por “ natureza” e “artifício” onde o corpo funde-se com objetos da técnica, tornando-se, portanto, um híbrido.” (SANTOS, 2008). O *cyborg* é a

figura que representa a nova ordem cultural, a *cybercultura*, apesar de ser uma imagem do mundo da ficção científica, consegue sintetizar bem a cultura atual

1. NOVAS FORMAS DE MORAR, NOVAS FORMAS DE VIDA

Habitar em sentido literal significa residir, viver em¹... Porém o homem confere ao seu habitar o seu próprio significado e compreensão do mundo que o cerca, transformando o meio em que habita em uma extensão dos seus anseios e necessidades. Segundo Heidegger (1979), quando o homem imprime no espaço que ocupa e constrói, ele legitimamente habita. O conceito de habitar parece sofrer transformações em determinados períodos históricos, de acordo com Requena (2007, p.18) este significado, no mundo contemporâneo, parece estar se alterando rapidamente e profundamente, adquirindo assim um sentido mais amplo e complexo, fato explicado pela expansão do sujeito psíquico, que não expressa apenas a sua maneira de ocupar um espaço físico, seus hábitos, costumes e vestimentas expressam também a sua maneira de ocupar a cidade, no sentido de que a pessoa busca cada vez mais ser um indivíduo singular dentre muitos.

As diferentes noções de habitar podem ser expressas nas constituições familiares no decorrer da evolução da estrutura

¹ LUFT, Celso Pedro. Minidicionário Luft. Editora Ática – São Paulo. 2001

econômica da sociedade. Segundo Tramontano (1998, p. 215), a sociedade agrícola possuía um sistema familiar extenso, baseado em laços de consangüinidade, constituindo unidades auto-suficientes em comunidades rurais, onde todos os familiares estavam envolvidos em atividades rurais. Nestas sociedades o trabalho estava fortemente atrelado à habitação.

Rybczynski (1996) conclui que a casa se torna um lar², a partir da família nuclear burguesa (composto tradicionalmente pelo pai, mãe e filhos), pois em oposição as extensas famílias da sociedade agrícola, a casa passa a ser um lugar para o comportamento pessoal e íntimo.

A casa deixa de ser meramente um abrigo perante os elementos da natureza, uma proteção contra o invasor – apesar destas terem continuado sendo funções importantes -, e tornara-se o ambiente para uma unidade social nova e compacta: a família (RYBCZYNSKI, 1996. p. 87).

Segundo Requena (2007, p. 25) na Era Burguesa, a casa e os moradores, haviam mudado física e emocionalmente, as habitações

² “A palavra lar é uma corruptela de lareira. A lareira primitiva que faz do seu fogo o elemento inseparável da cabana rústica. O fogo que reúne ao seu redor todos os integrantes de um laço familiar, sendo, de um modo figurativo, um manto que aquece e une a todos num mesmo instante. A identificação do fogo está presente nas cabanas rústicas como o elemento mais semelhante à vida.” (MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *Casa e Lar: A Essência da Arquitetura*. 2002)

deixaram de ser um local de trabalho e diminuíram de tamanho, e também deixaram de ser mais públicas, ou seja, agregados e serviços, não são mais membros da família. A família nuclear se firma na sociedade com a vitória dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, como reflexo dos costumes da sociedade mecanizada moderna. Na sociedade industrial, a família nuclear era baseada na produção industrial, onde a atividade do trabalho era desconectada da moradia. A mudança na configuração da sociedade também trouxe mudanças na moradia, a tripartição do espaço doméstico em áreas Social, Íntima e de Serviços, data do século XIX, com influência do modelo burguês parisiense. Tripartição essa que ecoará no Movimento Moderno do século XX. (TRAMONTANO, 1998. p. 61)

O Movimento Moderno do entreguerras constituiu o primeiro e único momento em toda a história da Arquitetura e Urbanismo em que o desenho e a produção de espaços de morar foram integralmente revistos, baseados em protótipos habitacionais, que correspondiam igualmente a um protótipo de homem (modulor³), de cidade e

³ **Sistemas de proporções métricas, criado por Le Corbusier baseado em medidas modulares de um indivíduo imaginário para a criação de espaços mínimos no campo da arquitetura.**



Figura 1 Le Corbusier próximo a figura do Modulor, arquétipo das medidas corporais do homem ideal criado por ele próprio; Fonte: theurbaneearth.wordpress.com

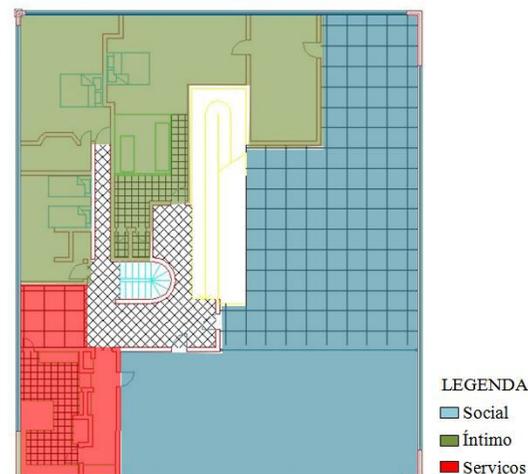


Figura 2 Planta da Villa Savoye de autoria de Le Corbusier, projeto Moderno remetendo à tripartição burguesa; Fonte: Planta em CAD modificada pelo autor

paisagem (TRAMONTANO, 1998. p. 222). Le Corbusier (Figura 1 e 2), principal nome influenciador do modernismo e pensador do morar moderno, criou um arquétipo de homem, baseado nas medidas corporais e na biologia de desenvolvimento do ser humano. Tal conceituação levava em consideração as fases de vida do ser humano.

A arquitetura trata de um sujeito, o homem, que é por definição e fatalidade de natureza cambiável e evolutiva. Ele é primeiro solteiro, depois casal, depois família, com filhos em números indeterminados, depois dispersão dos filhos pelos seus casamentos... Enfim a morte, de tal maneira que a moradia feita para uma família não existe: o que existem são vários tipos de moradia para sucessivas idades. (LE CORBUSIER apud TRAMONTANO, 1998. p. 56 e 57)

Corbusier nessa afirmação desconsiderava as naturezas mutáveis e intercambiáveis das relações sócio/espaciais dos indivíduos. O modelo de família na qual os arquitetos modernistas se baseavam era na família nuclear tradicional, onde se considerava a figura paterna gestora e ordenadora da família. Ao pensar o habitar os modernistas, não se restringiram apenas na unidade a casa, como também a unidade habitacional como elemento definidor do espaço urbano. Na escala urbana, os modernistas criticavam à insalubridade e superpovoamentos das cidades industriais, em virtude disso criaram as cidades-jardins como forma de correção destas problemáticas.

[...] estava-se pensando em uma ordenação do espaço urbano, no qual um homem ideal agrupa-se em núcleos familiares igualmente ideais, habitando casa ou apartamentos padronizados – democratizados – e, evidentemente estáticos” (TRAMONTANO, 1998. p. 225)

Segundo Tramontano (1998, p. 227), o Movimento Moderno transformou o habitar em um arquétipo universal baseado em uma concepção biológica do indivíduo: a prerrogativa moderna de “habitação para todos”, destinado a abrigar a família nuclear, mesclado com os princípios da tripartição burguesa oitocentista parisiense, que foi reproduzido exaustivamente em vários países.

O modelo nuclear passou por profundas transformações e abriu espaço para novos grupos domésticos devido às evoluções socioeconômicas ocorridas no século XX, tais como a entrada da mulher no mercado de trabalho, aumento do número de divórcios, novos métodos contraceptivos e etc. (NOMADS, 2007. p. 13). Nos séculos XX e XXI, observa-se a constituição de novos grupos domésticos, considerando que, atualmente, o conceito de família vem se alterando, aspectos genéticos não são mais primordiais e determinantes para a constituição de um grupo familiar. Tramontano

(1998), em sua tese, mostra as novas configurações domésticas, são elas:

Nova família Nuclear- Observa-se na constituição dessa família a presença paterna, materna e dos filhos, porém a participação da mulher na gestão do grupo é maior. No Brasil impera os casos em que a mãe é a grande responsável pela renda doméstica, que se deve pela sua melhor qualificação profissional.

Família monoparental- caracterizada pela separação ou perda de um dos membros (pai ou mãe) do grupo. Geralmente são famílias chefiadas por mulheres.

União Livres- Casais (heterossexuais/ homossexuais) que não possuem vínculos legais, sem filhos.

Pessoas vivendo sós- Caracterizado por pessoas que vivem só seja por opção, por insucesso amoroso, viuvez, separação/ desquite e estudantes universitários.

Coabitação sem vínculos conjugal ou de parentesco - podem se enquadrar nessa classificação as repúblicas de estudantes⁴ e jovens trabalhadores. A característica principal desse grupo é a transitoriedade da habitação.

⁴ Grupo doméstico contemplado neste trabalho

Assim como a configuração dos grupos domésticos mudaram, novos hábitos na sociedade foram observados. Requena (2007, p. 28) cita esses novos hábitos que são: o individualismo, culto ao corpo, superequipamento do ser humano e do seu *habitat*. BRANDÃO (2002, p. 94) fala que as novas atividades (hábitos) e novas máquinas combinam produzindo novos espaços domésticos, que fazem a casa se tornar também espaços de trabalho e lazer. As novas tecnologias favorecem a sobreposição de usos dentro de uma moradia.

A compartimentação do espaço interno com funções definidas, que pressupõem a noção de “cômodos”, data dos séculos XVI e XVII constituindo, portanto, um momento relativamente curto na história da habitação, reforçada pelo Movimento Moderno já no século XX. Não estaríamos hoje diante de novas alternativas de qualificação do espaço, em uma sociedade tendendo a superequipar-se, onde o equipamento qualificaria os espaços permitindo a sobreposição de funções? (TRAMONTANO, 1998, sp)

Por mais que se observem tais mudanças na constituição e na sobreposição de usos dentro dos cômodos das residências, ainda perdura nas moradias atuais a tripartição burguesa, que pode ser caracterizada com a divisão dos espaços em social, íntimo e de serviços, fator que corroborado com a utilização de tecnologias.

Os conceitos que ainda norteiam sua concepção espacial e tecnológico remontam ao modelo-internacionalmente difundido – da habitação burguesa européia do século XIX, resultando, em sua imensa maioria, em casas e apartamentos divididos em cômodos funcionalmente estanques, agrupados em zonas Social, íntima e de serviços, e executadas, principalmente, em alvenaria de tijolos cozidos ou de blocos de cimento” (BENEVENTE E TRAMONTANO, 2003, p.01)

Brasília, cidade construída pela égide do Movimento Moderno, traduz em seus apartamentos das superquadras a tripartição burguesa. Analisando dois apartamentos de duas superquadras é notória essa setorização dos ambientes (Figuras 3, 4 e 5). Os espaços sociais são interpretados como a sala-de-estar, os setores íntimos são os quartos e banheiros e o de serviço são a cozinha, a copa e o quarto de empregada.

Segundo Tramontano (1998, p. 243), a partir dos anos 1960 observa-se um questionamento no âmbito do morar frente às novas condições socioculturais e novas modalidades de transmissão de informações. Nesta época surgiram centenas de propostas de habitações flexíveis, ou evolutiva como preferiam chamá-las seus criadores, que refletiam sobre as alterações de configurações das moradias, frente a evolução do ciclo familiar.

Para a viabilização da flexibilidade, pode-se pensar em dispositivos como as vedações móveis – internas e externas, verticais ou horizontais -, que se filiam



Figura 3 Apartamento tipo SQN 206, projeto Moderno remetendo à tripartição burguesa. Fonte: FERREIRA & GOROVITZ (2009)- Imagem Modificada Pelo Autor

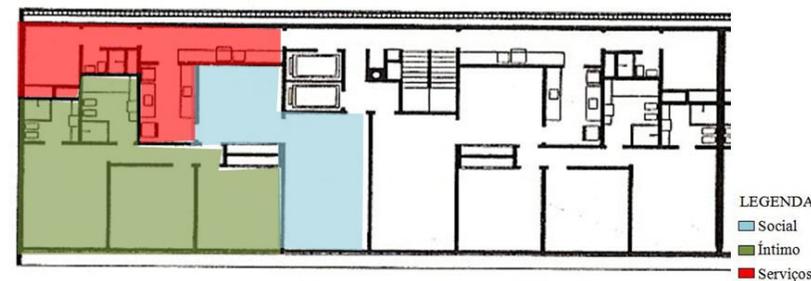


Figura 4 Apartamento tipo SQS 308, projeto Moderno remetendo à tripartição burguesa. Fonte: FERREIRA & GOROVITZ (2009)- Imagem Modificada Pelo Autor



Figura 5 Blocos da SQN 206 em Brasília, quadra vicinal a área projetual. Fonte: Autor, 2011

diretamente aos conceitos Modernos de planta livre e de estrutura independente, ou ainda na concepção de espaços multi-uso- eventualmente qualificados por equipamentos – e, neste caso, também no desenho de equipamentos dotados de mobilidade. (TRAMONTANO, 1998. p. 245)

O avanço da tecnologia foi um dos fatores de maior interferência na mudança dos ambientes das residências, alguns deles ganharam importância muito maior para alguns membros dos novos grupos domésticos. Os quartos, por exemplo, passaram a ser utilizados também como espaços de lazer e trabalho, além do tradicional repouso. A utilização do computador pessoal é que trouxe essa ressignificação dentro do cômodo, assim como o advento do rádio e da televisão também trouxeram uma mudança no cotidiano dos moradores e adaptação da morada, transformando o cômodo sala. Atualmente, com a maior profusão dos sites de relacionamento, expor algumas intimidades ao público se tornou comum. O lugar dentro da casa, onde o membro da família possui maior intimidade é no quarto. “O quarto de dormir, que sempre foi reduto último do isolamento em

relação ao mundo exterior, pode ser, inversamente, tornando- se sua ante sala”⁵

A sobreposição de usos dentro dos espaços das residências é um dos fatores que contribui para a integração de espaços, tendo seus limites físicos marcados apenas por mobiliários, as paredes internas são utilizadas apenas para separar o que é de extrema privacidade (banheiros e quarto).

Frente a essas mudanças ocorridas nos últimos séculos, de acordo com Requena (2007, p. 20), no Brasil ainda se projeta considerando a tripartição burguesa. Atualmente se vive muito diferentemente, valorizamos aspectos como flexibilidade, informalidade, novas tecnologias, contato com a natureza e uma vida familiar e social não hierárquica. A morada perfeita, portanto, deve estar em sintonia com essas prioridades específicas, considerando os valores e os hábitos do homem contemporâneo. O problema da maioria das habitações reside na sua falta de flexibilidade espacial, incorporando os novos usos e atividades. A tripartição burguesa não é o problema em si, mas se torna quando é um fator condicionante no

⁵ NOMADS.USP. 97_07: dez anos de morar urbano no Brasil. Relatório de pesquisa. São Carlos: EESC-Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/97_07final.pdf>. Acesso em: 09/04/2011

projeto, como um meio de setorização pré-estabelecido. Os espaços devem ser pensados de acordo com as atividades e relações realizadas em seus entremeios (Figura 6), considerando assim a sobreposição de usos e funções, possibilitando uma maior inter-relação entre as atividades diversas. As novas características espaciais têm um maior potencial de abarcar as necessidades contemporâneas, além de proporcionar ao morador espaço para a impressão do seu eu, enchendo de sentidos, fazendo de sua casa, um lar.

Transpor os conceitos de novos modos de morar para a capital federal, pode ser um exercício instigante e interessante, pois Brasília é uma cidade Moderna desde seu nascimento. A pergunta que fica em voga é “como Brasília, uma cidade Moderna, aceitará os hábitos do homem contemporâneo?”. Espero que esta pergunta seja respondida e também satisfatória com a proposta projetual da Nova Superquadra (SQN 207).

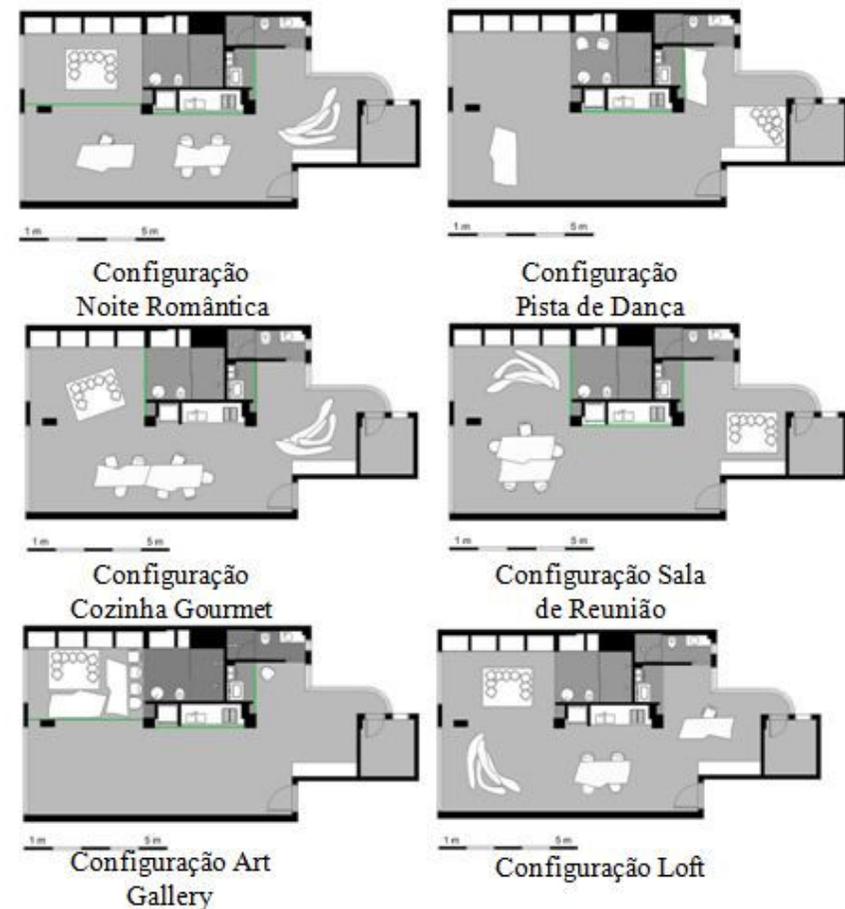


Figura 6 Apartamento do arquiteto Carlos Requena, como parte da pesquisa do grupo Nomads sobre as novas formas de morar. Dependendo da disposição dos mobiliários, o apartamento adquire diferentes configurações de acordo com seus usos e atividades; Fonte: flickr.com/photos/gutorequena

2. BRASÍLIA- O PROJETO, A CIDADE E O HABITAR

2.1 A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E SEUS ANTECEDENTES

A construção de Brasília significou para sua época a síntese do governo JK, que acreditava que o país poderia superar o atraso econômico frente às nações desenvolvidas. O lema do governo “Cinqüenta anos em cinco”, mostrava essa vontade política de elevar o país a outro patamar de desenvolvimento econômico e social, através do impulso às atividades industriais. Brasília iria simbolizar o avanço que o país estava passando, atrelado também a ocupação da região Centro- Oeste, um evento que ficou marcado na história brasileira como a *Marcha para o Oeste*. Brasília caracterizou-se também, por ser o materializador da modernidade brasileira e a síntese das propostas do Movimento Moderno.

Os arquitetos e urbanistas brasileiros como Lúcio Costa, Oscar Niemayer, Vilanova Artigas e etc, foram influenciados pelas reuniões do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), que na sua 3º reunião foi elaborado o documento *Carta de*

Atenas (1933). Esse documento é resultado de discussões sobre os problemas habitacionais e de planejamento urbano, do ponto de vista do Movimento Moderno. As ideologias modernistas tiveram aplicabilidade nos projetos propostos no concurso da Nova Capital Federal, Brasília. “Importantes arquitetos modernos brasileiros. [...] num contexto de tamanho consenso em relação aos preceitos urbanísticos modernos [...]” (BRAGA⁶, 2010. p.24)

O movimento Moderno significou para a Capital Federal a materialização das mudanças sócio-política que o país estava atravessando, e estava na arte dar simbologia a este marco. De acordo com Freitas (2007), Lúcio Costa (vencedor do concurso) juntamente com o grupo de arquitetos, urbanistas, paisagistas e artistas ambicionavam com a construção de Brasília integrar e revolucionar, pela linguagem da arte, a sociedade e o habitat humano. Em seu ato fundador, Brasília remete a uma simbologia primeira, tanto no processo de desbravamento para o centro-oeste quanto na apropriação do terreno. O símbolo da cruz (**Figura 7**) sugere o caráter religioso desse ato fundador e para Costa.

⁶ Fragmento retirado da apresentação do livro de Milton Braga, *O Concurso de Brasília*, escrito por Guilherme Wisnic,

[...] uma ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. [...]. Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz. (COSTA, 1957)

Os eixos primários assinalados por Costa em seu projeto são materializados nas avenidas de fluxo rápidos Eixo Monumental (sentido leste/oeste) e Eixo rodoviário-residencial (sentido norte/sul), sendo o primeiro como uma via que liga os setores trabalhistas (instituições públicas, serviços e comércios) e o segundo liga as áreas residenciais de Brasília.

Costa em seu projeto define sua cidade em quatro escalas (Figura 8) dependendo das atividades realizadas em seus entremeios. São elas:

Escala Monumental- Área onde se concentra os Edifícios que representam o poder político e a cultura.

Escala Gregária- Nessa escala concentra-se o setor hoteleiro, de serviços, comercial e a rodoviária.

Escala Residencial- Eixo Norte-Sul, onde se localiza o setor de moradias. Nesta escala Costa implanta as suas famosas superquadras. Assunto deste trabalho.

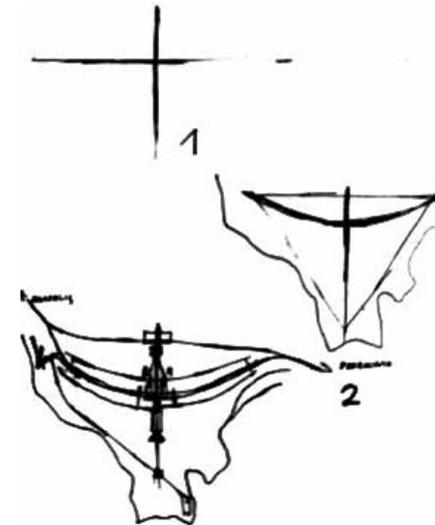


Figura 7 Croquis Conceituais de Lúcio Costa para Brasília; Fonte: BRAGA (2010)



Figura 8 Imagem de Brasília, marcando as suas escalas, sendo que a escala bucólica permeia as demais; Fonte: BRAGA, 2010. Imagem modificada pelo autor.

Escala Bucólica- Quarta escala, diz respeito às áreas verdes, conferindo uma maior aproximação do brasiliense com a natureza.

Costa, através das escalas de Brasília, projetou uma cidade onde seria possível a clara percepção e identificação de cada um dos seus domínios, conseguindo também o feito de integrá-la como um todo identificável.

2.2 Superquadras e o Seu Conceito de Morar

As superquadras em Brasília levam em consideração e tem como fator influenciador o conceito de *Unidade de Vizinhança* (UV), apesar desse termo não ser utilizado por Costa, observa-se sua aplicabilidade na escala residencial de Brasília.

Durante os anos 70, Lúcio Costa manifestaria uma certa reserva de usar a expressão “unidade de vizinhança”, rendendo-se assim a pruridos que se generalizavam entre os planejadores urbanos da época. [...] num seminário sobre a problemática urbana da cidade, em 1974, ele defende sua concepção de cidade dizendo que “A área de vizinhança é o elemento fundamental na proposição de Brasília (BARCELLOS, 2004. p. 10)

Barcellos (2004) fala que As *Unidades de Vizinhança* (UV) podem ser identificadas como áreas residenciais que dispõem de relativa autonomia em relação às necessidades diárias de consumo e

de bens de serviço, trazendo na sua concepção inicial, a prerrogativa de retomada da relação social e de troca de materiais e serviços vicinais. Tais proposições foram conceituadas por Clarence Perry (1929), para uma de suas monografias que integra o plano *The Neighborhood Unit*⁷, ele sintetiza os anseios de sociólogos do começo do século XX e a ideologia de “educação para todos” levando em consideração várias críticas sociológicas sobre a interferência da Revolução Industrial nas relações sociais/ espaciais. As idéias de UV podem ser consideradas uma síntese de diferentes áreas do conhecimento (sociologia, educacional, urbanismo, biologia e etc.), formuladas muito antes mesmo da conceituação de Perry. O pensamento sobre a educação acessível a todos têm seus primórdios no iluminismo, mas ganha novo fôlego no final século XIX através dos *urbanistas utopistas*⁸, que colocam a escola como equipamento urbano, importante para a constituição espaço urbano integrado. Fazendo uma associação entre as leituras de Lamas (2007) e Leitão

⁷ Termo em inglês que significa *A Unidade de Vizinhança*. Considera-se que a formulação conceitual de Perry para as UV's fora aplicada no contexto do plano de Nova York em 1929 nas suas monografias.

⁸ Pensadores que criticavam a insalubridade das cidades industriais e tentavam contrapor o modelo tradicional urbano com novas propostas de comunidades ou de cidades ideais. Podendo citar nessa categoria: Robert Owen, Charles Fourier, Etienne Cabet, Jean Baptiste Godin, Claude de Saint-Simon e etc.

(2010), é possível fazer um paralelo entre outras influências sofridas por Costa e como se deu essa interferência no desenho da escala residencial de Brasília.

Cidade Linear, que considera o desenvolvimento linear da cidade. Brasília em seu eixo rodoviário residencial possui essa característica, pois as quadras são dispostas linearmente, tendo o eixo leste-oeste divisor das duas asas, norte e sul. O eixo norte-sul divisor das quadras que começam com número ímpar das com início de número par. (Figura 9)

Siedlungen (Figura 10), habitações sociais criadas na União Soviética, que possuíam como princípio a transformação das condições da moradia urbana. Os Siedlungen eram pensados como arquiteturas desconectadas da cidade, mas como estruturas autosuficientes que complementaríamos a malha da cidade. Podem ser consideradas as primeiras experiências de casas com equipamentos coletivos, influenciando posteriormente as *Unité D'habitation* de Le Corbusier e os blocos residenciais das superquadras em Brasília (Figura 11).

Uma das principais características dessas siedlungen da década de 20 era o conceito da lâmina de construção no espaço, em oposição ao quarteirão fechado – uma inversão de figura e

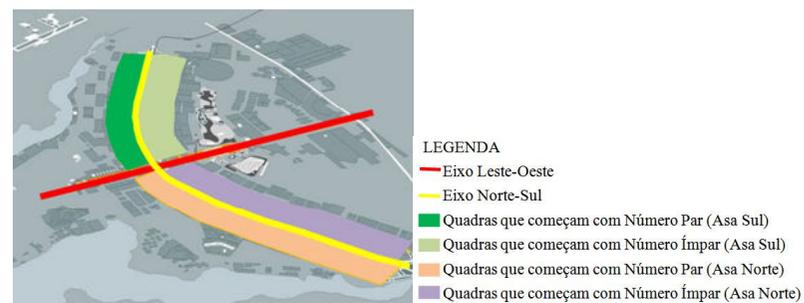


Figura 9 Organização da Escala Residencial de Brasília; Fonte: Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal. Imagem Modificada Pelo Autor.



Figura 10 Sistema em Lâmina das Siedlungen; Fonte: LAMAS (2007)



Figura 11 Sistema em Lâmina Superquadras (Brasília); Fonte: BRAGA (2010)

fundo da cidade tradicional, com sua malha sólida entremeada por ruas. (LEITÃO, 2009. p. 121)

Cinco pontos da arquitetura de Le Corbusier, que são caracterizados pelo uso de planta livre, fachada-livre, terraço-jardim, pilotis e janela em fita nas edificações. Se considerar esses edifícios corbusianos sendo utilizados em larga escala no contexto urbano, observa-se uma alteração na constituição e percepção da cidade.

As UV's em Brasília, são esquematizadas seguindo uma lógica de usos (Figura 12), onde cada superquadra possui seus próprios blocos comerciais (Setor Comercial Local). Entre duas superquadras existem as *entrequadras*, que no projeto de Costa, seriam utilizados por igrejas, escolas, creches e clubes. Caso algum destes espaços fossem locados perto das avenidas de maior fluxo (Eixo Roviário Leste e Oeste, vulgo eixinhos) seriam de utilização de equipamentos como cinemas e templos. O conjunto de superquadras 107/307/108/308 Sul (SQS), assim como seu conjunto arquitetônico e paisagístico (Figura 13) foram tombadas pelo decreto 30.303 em 2009, pois contém todos os equipamentos públicos necessários para a constituição de uma UV, além de terem sido um modelo urbanístico a ser implantado nas demais superquadras. De acordo com Leitão (2009) na concepção de Brasília, era previsto reunir em cada UV (com



Figura 12 Maquete Eletrônica com os usos dentro de uma Unidade de Vizinhança em Brasília. (SQS 107/307/108/308); Fonte: Autor, 2011



Figura 13 Igrejinha Nossa Senhora de Fátima localizada na entrequadra 307/308 sul. Marco pertencente ao conjunto arquitetônico e paisagístico da Unidade de Vizinhança 107/307/108/308 Sul; Fonte: Autor, 2011

os seguintes equipamentos: escolas-primárias e secundárias, comércio, clube e etc). O que se observa atualmente é que faltam muitos equipamentos a ser implantados, o que deixa a cidade com grandes vazios urbanos.

Os edifícios residenciais nas superquadras são elevados por pilotis, fazendo com que estes deixem seu térreo-livre, recuperando o tráfego de pedestre em escala urbana e de uso comum a várias pessoas, o morador passa a ser dono de uma projeção e não mais do lote. Fazendo uma comparação com as demais cidades brasileiras, nota-se o ato inverso graças à “política do medo”, as propriedades se fecham em muros, perdendo assim a interação entre o espaço público e privado. Nas superquadras os limites são permeáveis e verdes, devido a sua intensa arborização que também proporciona ao transeunte um caminhar tranquilo. Costa em suas superquadras inaugura “uma nova maneira de viver, própria de Brasília e inteiramente diversa das demais cidades brasileiras”⁹

A modificação nos Códigos de Obra trouxe uma nova configuração nas fachadas e volumetria nos blocos residenciais. Por

⁹ COSTA, Lucio. *Brasília Revisitada, 1985-1987*. In.: GDF Código de Obras e Edificações de Brasília. Brasília: GDF, 1989.

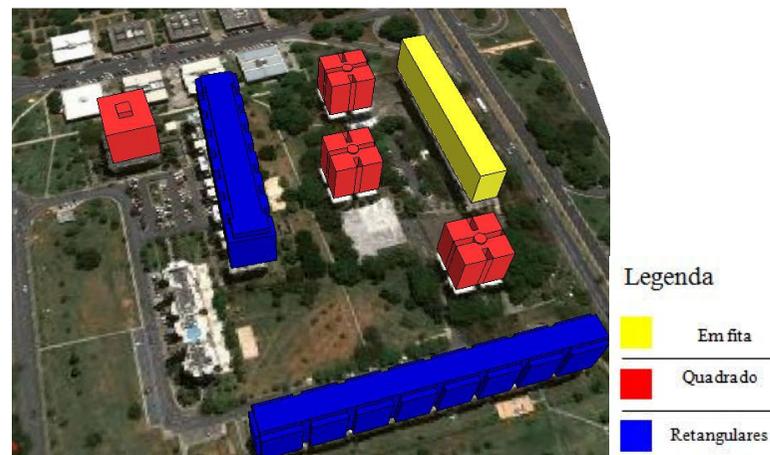


Figura 14 Maquete Eletrônica da superquadra SQN 107 com as diferentes tipologias de edifícios; Fonte: Autor, 2011



Figura 15 Maquete Eletrônica da superquadra SQS 207 com tipologia de edifício em H; Fonte: Autor, 2011

mais que Lúcio Costa tivesse permitido a variedade dentro das superquadras, a tipologia dos edifícios em fita foi o que predominou como sendo o padrão à ser implantado. Embora exista exemplares que fujam da caracterização reprodutível (vide SQS 207, SQN 107 e 204, respectivamente **Figuras 14 e 15**), o formato em fita passou a caracterizar e uniformizar as superquadras. Percebem-se quatro tipologias de edifícios residenciais multipavimento em relação a sua volumetria (porém com diferenciação dentro das mesmas): em fita, em H, quadrado e os retangulares (em fita mais encorpados).

Em fita: Edifício que se caracterizam por ser mais esguios, sendo geralmente as duas fachadas maiores de uso de um apartamento, permitindo a ventilação cruzada no interior das moradias. Alguns possuem dois apartamentos cada um em faces opostas, porém sem a ventilação cruzada.

Em H: Possuem a caixa de circulação vertical no centro, geralmente em cada ponta do “H” se localiza um apartamento.

Quadrado: mesma configuração do “H”, porém com diferenciação de impedimento visual do térreo causado pelo uso de brises de concreto.

Retangulares (em fita mais encorpados): Podem ser consideradas as novas edificações, que com a alteração dos Códigos de Obra, houve um acréscimo e adaptações de áreas internas, permitindo a utilização de sacadas, o que conferiu as projeções “usual” em fita uma encorpada, presença de vãos entre um apartamento e outro.

2.3 Revisão das Superquadras

Por mais que Brasília seja uma cidade projetada, durante seu desenvolvimento, houve muitas mudanças se comparado ao plano original, característica inerente das cidades. O acréscimo de mais faixas residenciais (quadras 400 e 700- Figuras 16 e 17) foi uma delas. Outra alteração significativa foi a mudança da entrada das áreas de comércio, era previsto que suas lojas, padarias e etc, tivessem os acessos de pedestres voltadas para as áreas de superquadras e a fachada tangente às vias, seria de uso de caminhões.

JUCÁ (2009) relata que a experiência de implantação dos equipamentos entre as superquadras 307/308 Sul (“Igrejinha” Nossa Senhora de Fátima e a Escola Parque da região), provocou o “fechamento” de áreas que deveriam ter um fluxo de pedestres, devido a esse fato o trecho torna-se perigoso e de longo percurso.

(Figura 18)

[...] espaços que se conformavam como projeções ou áreas *aedificandi* sem cercamento foram redefinidos como lotes urbanos, como áreas destinadas a igrejas nas entrequadras institucionais da Asa Norte e da Asa Sul. É o caso, por exemplo, da “Igrejinha” Nossa Senhora de Fátima, que passou da regra à exceção. O fechamento desses espaços cria quadras com extensões superiores a 250 m, forçando os pedestres a grandes caminhadas. (JUCÁ apud LEITÃO, 2009. p. 248)

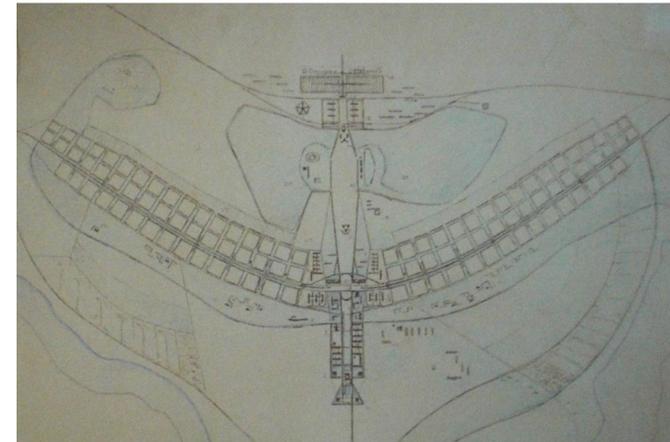
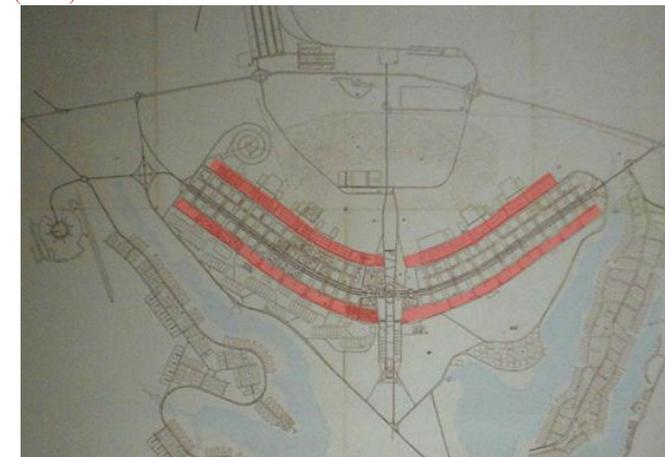


Figura 16 Plano Piloto Apresentado em Concurso; Fonte: BRAGA (2010)



LEGENDA

■ Faixas Residenciais Acrescidas

Figura 17 Planta de Brasília na época da inauguração, com acréscimos das quadras 400 e 700; Fonte: BRAGA (2010). Imagem modificada pelo autor

Fato que também pode ser notado na implantação do Clube de Vizinhança (SQS 108/109), que toma totalmente a área de entrequadras. (Figura 18) As implantações desses equipamentos, ao mesmo tempo em que contribuem para a diferenciação das superquadras, também se tornam uma barreira para o pedestre, que tem seu livre caminhar interrompido. A implantação de um equipamento muito grande em uma área considerada exígua para tal, também traz o inconveniente de não crescimento do estabelecimento. Foi o que aconteceu com o Clube de Vizinhança, o espaço não comportava mais o acréscimo de funções, sendo necessária a construção de outra academia (Academia Lúcia Toller- mais voltada à área de dança e pilates.

O passeio do pedestre nas superquadras não é apenas interrompido pela má implantação dos equipamentos, os edifícios residenciais principalmente os mais recentes devido às alterações nos Códigos de Obras¹⁰, usam e abusam do espaço térreo, que a princípio

era para ser de livre circulação. A implantação de salões de festa, fechamentos de garagem, muros de arrimo, jardins privativos são fatores que interferem na permeabilidade de pessoas. “As conseqüências são visíveis por toda parte: trincheiras e paredões que interrompem os percursos e tornam os pilotis mero requisito burocrático”. (LEITÃO et al., 2009. p. 255) Esses rearranjos nos edifícios residenciais são observados mais na Asa Norte, devido a sua tardia ocupação e adaptabilidade nos recentes Códigos de Obra.

A gradual apropriação dos pilotis pelos blocos na condição de áreas de uso privativo, além de descaracterizar as intenções iniciais do projeto original de Brasília, demonstra-se impeditiva do livre caminhar, da acessibilidade e, especialmente, da amplitude visual. (CARPANEDA, 2008. p. 78 e 79)

A obrigatoriedade dos pilotis trouxe as mais recentes edificações adaptações nada agradáveis ao acesso as edificações, que contribuem para descaracterizar a proposta inicial de Lúcio Costa, proposta essa que tenta se assegurar com o tombamento da cidade.

¹⁰ [...] a definição e o controle das características dos blocos residenciais são feitos por meio de normas urbanísticas estabelecidas por diferentes órgãos administrativos e reunidas de tempos em tempos em um Código de Obras. Até o presente, estiveram em vigor três desses códigos, de 1960, 1967 e 1989, valendo atualmente o de 1998. (LEITÃO, 2009. pg. 257)



Figura 18 Limites físicos e conceituais da Unidade de Vizinhança 107/307/108/308 Sul, análise do fluxo de pedestres dentro das superquadras. Os equipamentos implantados nas entrequadras extrapolam seus limites físicos, provocando o fechamento do trânsito de pedestres; Fonte: Google Earth (2011). Imagem modificada pelo autor

O tombamento de Brasília ocorreu apenas 30 anos após sua inauguração. Em 1987, a Capital Federal se inscrevia como Patrimônio da Humanidade, e após 3 anos ocorreu o Tombamento Nacional. “Era o reconhecimento internacional do “centro histórico” modernista que precedeu ao tombamento nacional.” (PESSÔA, 2003. p. 5). Mesmo que a maioria da cidade não estivesse terminada, como ainda não está, ocorreu o tombamento. Fator que é visto por algumas correntes, um impedimento para o desenvolvimento gradual da cidade. Porém o tombamento precoce foi de fundamental importância para a preservação da idéia de alguns parâmetros arquitetônicos/urbanísticos, fundamentais para a ambientação do lugar e para o funcionamento das quatro escalas (Gregária, Monumental, Residencial e Bucólica). Era a primeira vez que uma idéia como parâmetro projetual era tombada, medida tomada para conter as imobiliárias, que ansiavam construir prédios cada vez mais altos.

Refiro-me aos empreendedores imobiliários interessados em adensar a cidade com o recurso habitual do aumento de gabaritos; e aos arquitetos e urbanistas que, reputando “ultrapassados” os princípios que informaram a concepção da nova capital e a sua intrínseca disciplina arquitetônica, gostariam também de romper o princípio dos gabaritos preestabelecidos, gostariam de jogar com alturas diferentes nas superquadras, aspirando fazer de Brasília uma cidade de feição mais caprichosa, concentrada e dinâmica, ao gosto das

experiências agora em voga pelo mundo; - gostariam, em suma, que a cidade não fosse o que é, e sim outra coisa”. (COSTA, 1995, p. 323)

O desenho da cidade pode ser considerado um fator de impedimento para o desenvolvimento físico da mesma, Costa no 1º Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília ocorrido em 1974 reconhece que Brasília foi um caso particular de criação e de desenvolvimento, “onde a urbanista teve de proceder de forma oposta à usual” (COSTA, 1974. pg. 299)

Costa fala quanto ao impedimento de construção de novas formas residenciais nas superquadras ¹¹.

As limitações impostas no caso de Brasília são, na verdade, mínimas, [...] nas superquadras restringem-se apenas à obrigatoriedade dos pilotis e ao gabarito de seis pavimentos [...]; se uns tantos partidos de implantação se repetem, isto resulta simplesmente do comodismo e da falta de imaginação dos organismos ou empresas responsáveis. [...] (COSTA, 1974. p. 300)

Na verdade outro fator também é impedimento para o adensamento e desenvolvimento das superquadras. A taxa máxima de ocupação de 15% (quinze por cento) da área da superquadra com

¹¹ Ver também o Artigo 4º da Portaria N°314, de 08 de outubro de 1992, expedida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Anexo 1 deste trabalho.

edifícios residenciais é um empecilho ao adensamento de uma área de aproximadamente 7,84 hectares. As superquadras possuem uma densidade populacional de 320 a 380 habitantes por hectare ¹², que pode ser medido aproximadamente, com 2500 a 3000 pessoas por superquadra.

Socialmente falando, baixas densidades de ocupação estão comumente associadas à alta renda dos habitantes e a um número limitado de contatos sociais e encontros casuais imposto pela tipologia do assentamento, como exemplifica a tipologia urbana de Brasília, particularmente do Plano Piloto. (ACIOLY E DAVIDSON, 1998. p. 35)

As superquadras possuem dimensões de 280 m em todos os lados, tendo o afastamento para as áreas arbóreas de 20m, podendo ser edificado apenas 15% dos 7,84 hectares, com prédios de no máximo seis pavimentos mais o térreo. Se colocar essas áreas e afastamentos dentro de uma relação absoluta, podemos enxergar melhor essa proporção. (Figura 19)

Fica notório que a grande proporção de áreas livres dentro de um mesmo setor contribui para a baixa densidade populacional de Brasília. A forma como é organizada as superquadras, de acordo com

¹² Dados obtidos através do PLANO DIRETOR DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO DISTRITO FEDERAL

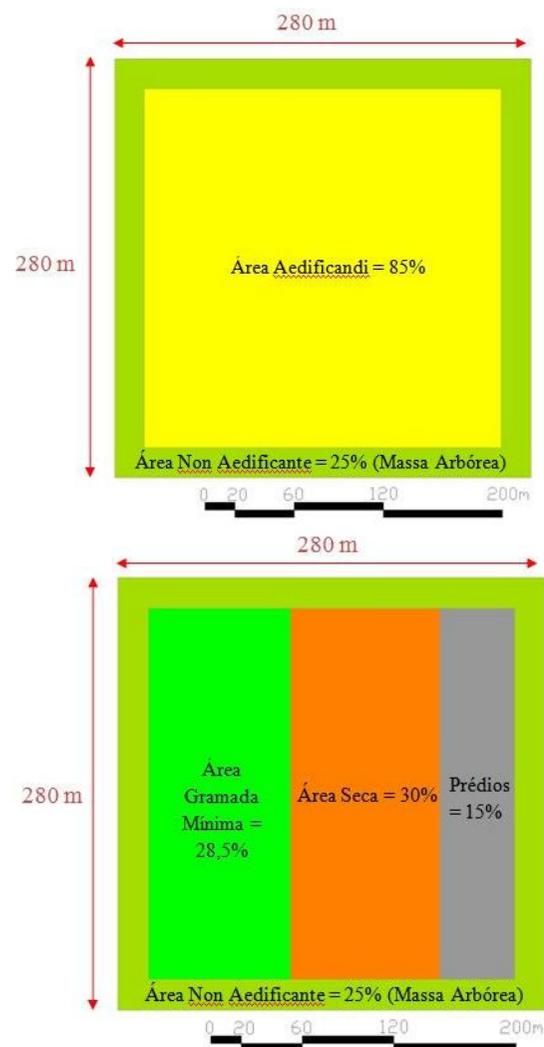


Figura 19 Áreas de ocupação de uma superquadra; Fonte: Autor, 2011

suas taxas de ocupação, incentiva a baixa densidade, fator que vai de encontro com o pensamento das cidades contemporâneas que são muito adensadas. Em Brasília “(...) há 91 projeções não construídas, que, se ocupadas, implicariam em acréscimo populacional de 16.562 a 24.570 habitantes” (PLANO DIRETOR DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO DISTRITO FEDERAL- PDOTDF, pg. 480). Os acréscimos populacionais, se construídos todos os edifícios residenciais do plano piloto, elevariam a população a mais ou menos 7,8% e 11,6% ¹³.

2.4 O Lugar da Nova Superquadra

O objeto de estudo localiza-se na área destinada a superquadra 207 Norte (Figura 20). A escolha do terreno se faz por ser a única superquadra à ser completamente edificada, as demais áreas já são total ou parcialmente completas.

A superquadra em questão tem seus domínios pertencentes à Universidade de Brasília (UnB), assim como também a 206, 107, 108, 307 e 308 (todos localizados na Asa Norte), quadras que abrigam os funcionários do corpo diplomático, os professores e funcionários da

¹³ Todos os percentuais foram calculados sobre as populações estimadas para 2008 pela CODEPLAN.



Figura 20 Localização da área de Intervenção; Fonte: Google Earth com intervenção do autor, 2011



Figura 21 Localização da gleba em relação à Universidade de Brasília (UnB) Fonte: Google Earth com intervenção do autor, 2011

UnB e da Caixa Econômica Federal. O usuário que a gleba irá contemplar serão estudantes da UnB.

A área escolhida fica a aproximadamente a 1 Km do Instituto Central de Ciências (ICC, vulgo minhocão- **Figura 21**) da UnB. Seu comércio local (CLN 207/208) pode ser considerado bastante diversificado com padarias, restaurantes e etc, porém nota-se um predomínio de lojas de manutenção e venda de produtos de informática. Já no comércio local vicinal (CLN 406/407) observa-se a ocorrência de papelarias e lojas de sebo. Analisando os comércios locais vicinais, pode-se inferir que a área possui uma abrangência acadêmica, por ter predominância de lojas de manutenção e venda de informática, lojas de sebo papelaria e etc, fator que fica mais exacerbado com a proximidade da UnB.

O fluxo de pedestre no objeto de estudo pode ser observado pelos trajetos deixados no solo, com essa informação pode-se inferir muito dos hábitos das pessoas do local. A área serve de passagem mais para os moradores da SQN 206 e trabalhadores dos comércios locais. A gleba possui duas paradas de ônibus, uma tangente ao Eixo Rodoviário LN, vulgo eixinho, e a outra na L1 norte, sendo que a primeira é a mais utilizada, pois deixa e leva passageiros para o final

da Asa Norte, Lago Norte e Sobradinho, já a segunda é utilizada por ônibus privados que levam os funcionários das superquadras vizinhas para seus respectivos ofícios. (**Figura 22**)

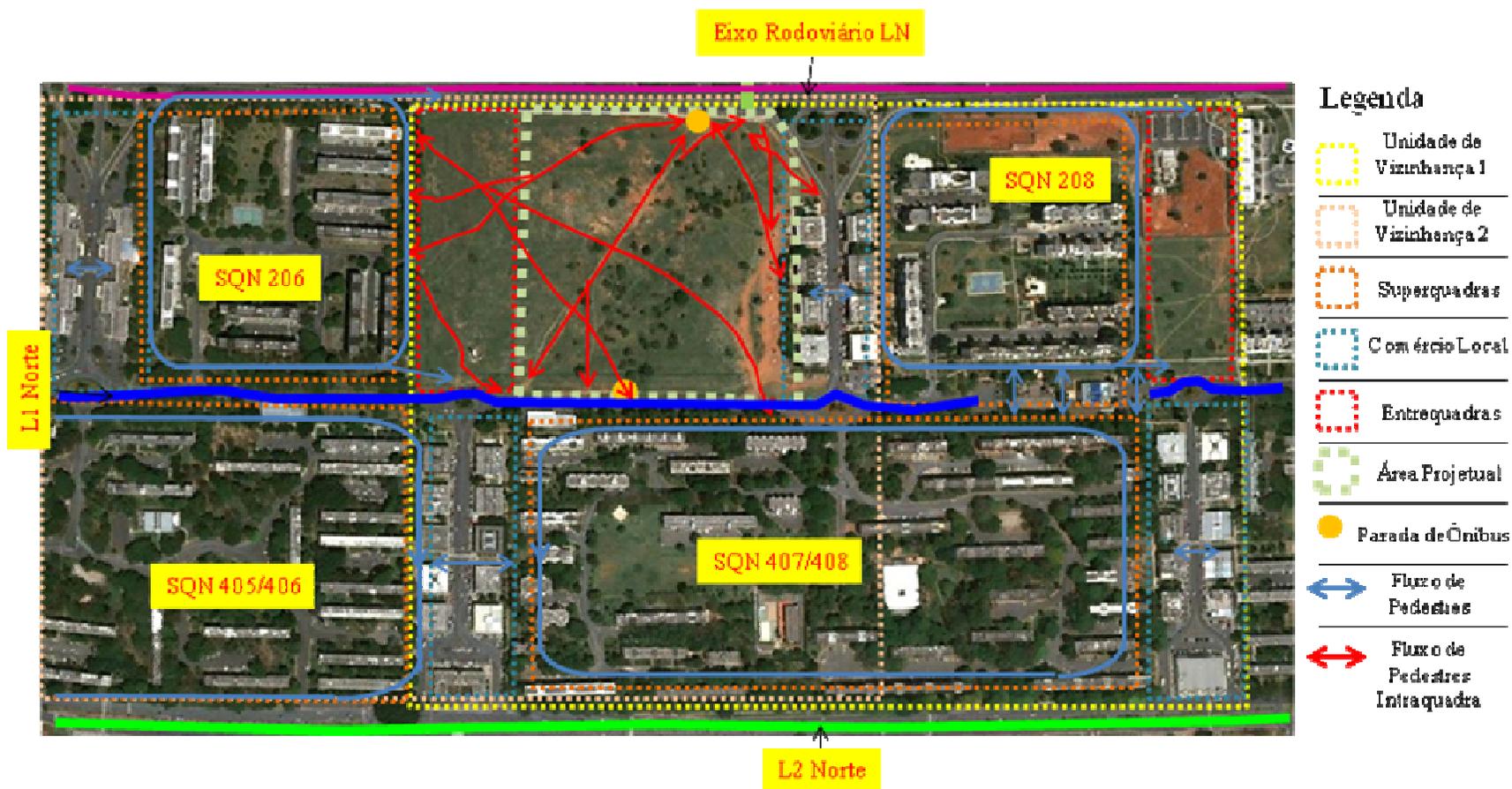


Figura 22 Análise de fluxos de pedestre na gleba; Fonte: Google Earth com intervenção do autor, 2011

O objeto de análise possui uma área de aproximadamente 10,70 hectares incluídos no cálculo a porção destinada à entrequadra e a superquadra (207 Norte), já a superquadra possui uma área de 7,84 hectares (78400 m²). Considerando os limites impostos por Lúcio Costa como o afastamento para a vegetação que é de 20 m de todos os lados, a área projetual se limita a 5,76 hectares (57600 m²). O terreno possui caimento todo voltado para Noroeste, com aproximadamente 2% de desnível ¹⁴, desde a cota mais baixa.

O clima ¹⁵ predominante na área é tropical de Savana, com a concentração de chuvas no Verão (outubro até abril), representando 84% do total anual. A estação seca (de maio até setembro) tem seu período mais drástico em junho, julho e agosto, onde a precipitação representa somente 2% do total anual. A umidade relativa do ar cai de valores superiores a 70%, no início da seca, para menos de 20%, no final do período. Coincidindo com o período mais quente, nos meses de agosto e setembro, a umidade pode chegar a 12%, secura típica de deserto. A temperatura média anual varia de 18° a 22°C (meses de

setembro e outubro os mais quentes). Considera-se o mês de julho o mais frio, com temperaturas médias que variam entre 16° e 18°C. Quanto à ventilação pode-se dizer, que os ventos chuvosos vêm do Norte, enquanto os secos vêm do Sudeste, porém os predominantes vêm da direção Leste (Figura 23)

A orientação Solar se faz em relação à carta solar de latitude 15,86°. Sendo as latitudes norte, nordeste e oeste as que necessitam de uma maior atenção na fase projetual, pois são os pontos em que têm maior incidência de raios solares no período vespertino.

¹⁴ Ver corte no ANEXO VI

¹⁵ Dados climáticos retirados do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos e do edital do concurso público do edifício sede do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)

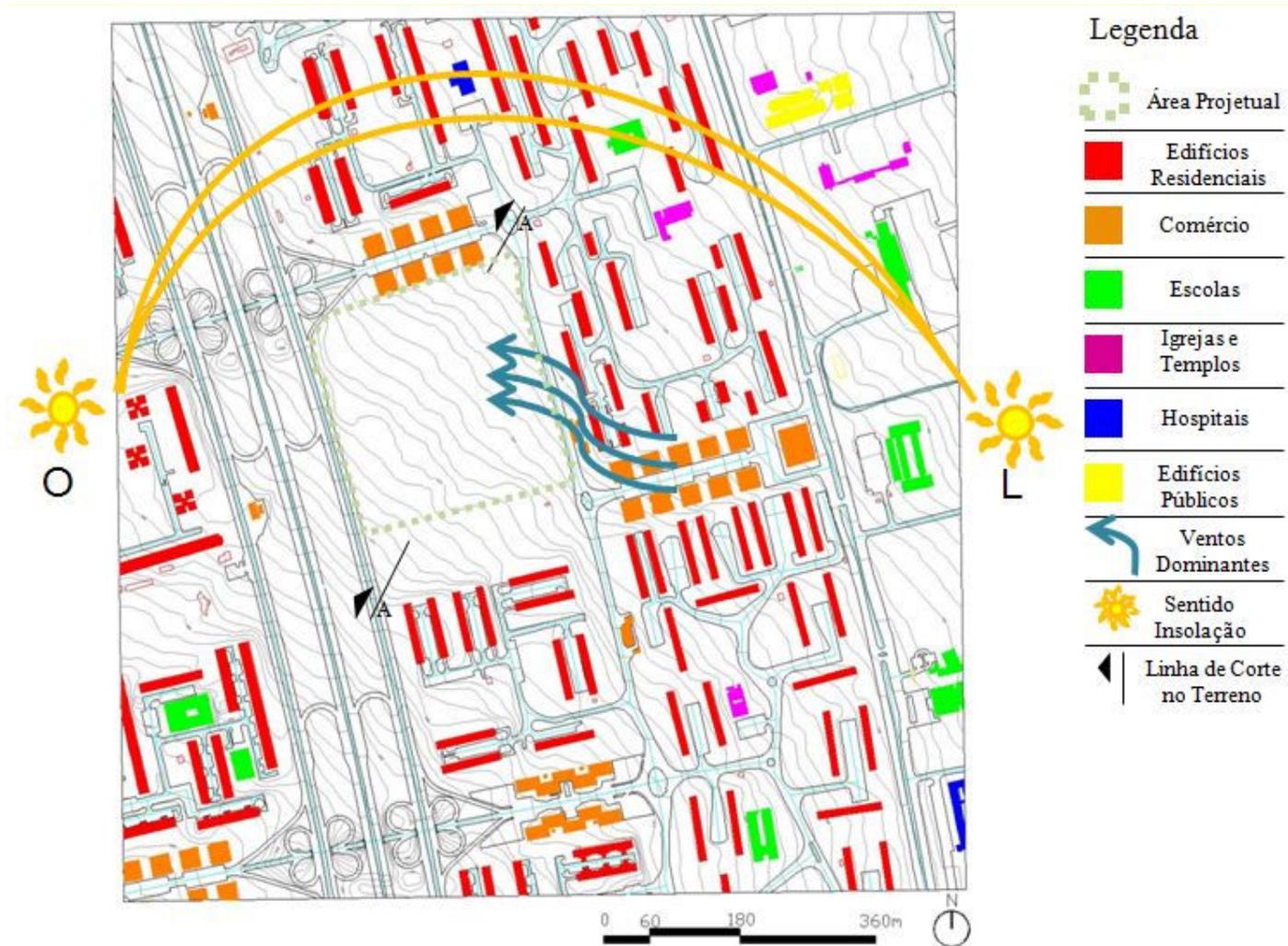


Figura 23 Uso de solo e dados climáticos da área estudada; Fonte: Mapa em CAD com intervenção do autor, 2011

3. REFERENCIAIS PROJETUAIS

3.1 EDIFÍCIO FIDALGA 727 (SÃO PAULO)

O edifício Fidalga 727 (Figura 24) foi projetado pelo grupo franco-brasileiro Triptyque¹ (Figura 25), composto pelos franceses Guillaume Sibaud, Gregory Bousquet e Olivier Raffaëlli e pela brasileira Carolina Bueno. A formação acadêmica do grupo se faz na Escola de Arquitetura de Belas Artes de Paris. O ateliê do grupo foi fundado originalmente no Rio de Janeiro, mudando posteriormente seu escritório de arquitetura para São Paulo e França, onde funciona até hoje. No Rio de Janeiro, possui um estúdio de computação gráfica e 3D, o TriptyqueLab. O grupo atua em São Paulo desde 2000, com projetos comerciais, residenciais e de interiores. A escolha de montar o escritório no Brasil se deve pelo encantamento que o grupo teve pelo país com seu cenário belo e caótico, e pela energia de “auto renovação”² da cidade de São Paulo.



Figura 24 Edifício Fidalga 727, projetado pelo escritório Triptyque; Fonte: <http://trptyqueblog.blogspot.com/>



Figura 25 Formação dos arquitetos do escritório Triptyque; Fonte: <http://habituee.blogspot.com/>

¹ Palavra em francês, que significa um conjunto de três pinturas que formam uma obra de arte.

² Termo retirado da entrevista com o grupo Triptyque para os sites <http://www.erikapalomino.com.br> .

O edifício Fidalga 727 é uma incorporação da Movimento Um³ e Idea!Zarvos. O projeto foi escolhido para integrar a Bienal de Arquitetura de Veneza em 2009.

O edifício localiza-se na Vila Madalena em São Paulo (Figura 26 e 27), que possui em suas imediações alguns edifícios múltiplos pavimentos e, em sua maior parte, residências unifamiliares. A implantação do edifício se faz em um lote onde sua menor testada está voltada para a Rua Fidalga.

O bairro paulistano da Vila Madalena passa por um processo de valorização e crescimento vertical, embora ainda predominem ali as modestas residências construídas no início do século passado. Essa diversidade torna a região um cenário atraente para receber construções diferenciadas, fora dos padrões convencionais do mercado imobiliário, como é o caso do edifício Fidalga. (CORBIOLI)

A construção do edifício começou em 2006 e terminou em 2009. A área do terreno é de aproximadamente 666 m², com área construída de 2778 m².

³ Empresa que lança prédios residenciais de médio porte com desenhos diferenciados, desenvolvidos por arquitetos com idéias ousadas para tais empreendimentos



Figura 26 Localização do Edifício Fidalga 727. A imagem de Satélite mais recente é de 2011, porém o edifício não pode ser visualizado em maior nitidez. A imagem mostrada no trabalho é de 2008, época que estava começando a fundação do Edifício Fidalga; Fonte: <http://triptyqueblog.blogspot.com/>



Figura 27 Relação do edifício Fidalga 727 com seu entorno imedio, pode-se observar uma maior quantidade de residências unifamiliares; Fonte: <http://habituee.blogspot.com/>

Diferentemente da produção feita pelo mercado imobiliário de São Paulo, que têm como fator construtivo a repetição de plantas empilhadas, o que confere a cidade uma monotonia, o grupo Triptyque elabora um edifício que considera as diferenças de cada morador, fato que é refletido na fachada, que se olhada por ângulos diferentes dá ao empreendimento uma dinâmica compositiva. Os apartamentos do Fidalga são projetados juntamente com os proprietários, o que permite que cada imóvel tenha planta única. A proposta arquitetônica estabeleceu posicionamentos diferentes para as varandas e criou um jogo de aberturas, recursos que dinamizam e tornam as fachadas mais ousadas. Todas as unidades possuem vista panorâmica e ventilação natural, assegurada por aberturas em todas as fachadas. As unidades não têm divisão interna, sendo a distribuição hidráulica feita na construção, o que permite que o morador defina as diferentes configurações. As colunas de água fria descem por pontos estratégicos nas fachadas, para que permita a flexibilidade da planta (Figura 28).

As metragens dos apartamentos variam entre 80 e 240 m², que confere aos ambientes diferentes soluções de habitação, que

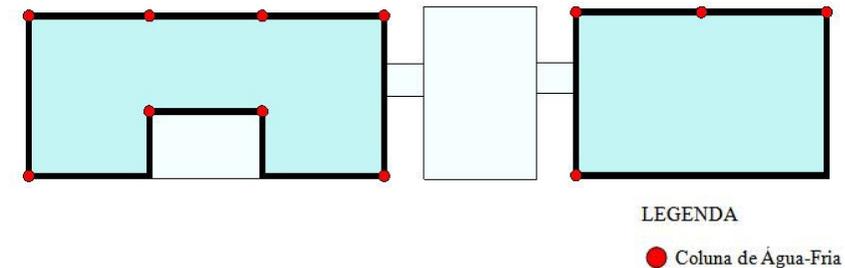


Figura 28 Esquema de distribuição das colunas de água-fria do edifício Fidalga 727, fator que permite a flexibilidade dentro da edificação; Fonte: Autor, 2011



Figura 29 Organização das diferentes soluções de habitação no edifício Fidalga 727; Fonte: www.movimentoum.com.br

podem ser simples ou duplex, ou loft e apartamento de três suítes (Figura 29).

O prédio é organizado em três blocos de volumetrias diferenciadas, sendo o prisma central utilizado para as caixas de elevador e escada (circulação vertical), dando acesso aos outros dois volumes que são residenciais. As paredes do bloco de circulação vertical são envoltas por uma estrutura em grade que serve de suporte para as plantas crescerem. Cada apartamento tem acesso individualizado, que é materializado na passarela de acesso e na torre de circulação.

O acesso ao edifício se faz pelo prisma elevado sobre pilotis de concreto em X, abrindo lugar para um jardim, integrando-se ao espaço público. O acesso para a garagem e para pedestres se faz pela Rua Fidalga (Figura 30).

Com a leitura das plantas dos apartamentos do Edifício Fidalga, podemos perceber a **compartmentação** dos ambientes, sendo estes muitas vezes sendo delimitados apenas pela utilização do mobiliário. Ora os quartos se adaptam a função trabalhar com a utilização de computadores de mesa, ora a sala se torna o ambiente para essa ação. Nota-se uma fluidez no percurso dos ambientes, assim

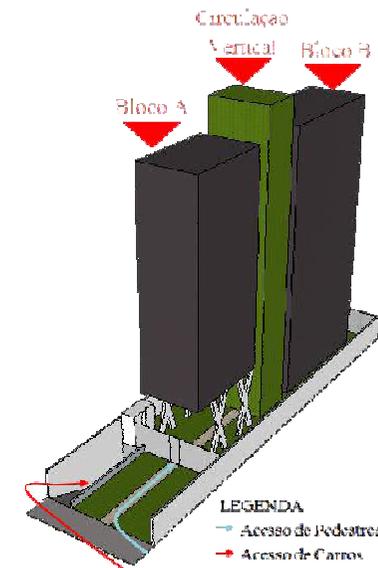


Figura 30 Esquema de distribuição das colunas de água-fria do edifício Fidalga 727, fator que permite a flexibilidade dentro da edificação; Fonte: Autor, 2011

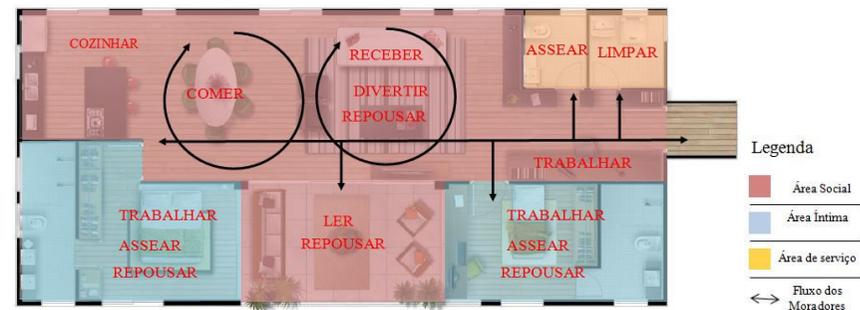


Figura 31 Planta de um dos apartamentos do edifício Fidalga 727, ainda que se observe a tripartição burguesa, esta não é tão rígida, a disposição dos móveis nos ambientes é que marcam esta setorização, os espaços são trabalhados de acordo com as atividades dentro do ambiente; Fonte: www.movimentoum.com.br

como uma **multiplicidade de atividades** (Figura 31), nos espaços do apartamento.

Partidos como a **compartimentação e multiplicidade de atividades nos espaços**, serão rebatidos na etapa de projeto da Nova Superquadra.

3.2 EDIFÍCIO WOZOCO (AMSTERDÃ)

O edifício WoZoCo (Figura 32) foi projetado pelo escritório holandês MVRDV (Figura 33). Que teve a fundação de seu escritório em 1991, por Winy Maas, Jacob Van Rijs e Nathalie de Vrier, atualmente o escritório possui mais de 60 profissionais, como arquitetos, designers e etc. Os projetos do grupo MVRDV são famosos por suas soluções diferenciadas, frente aos problemas habitacionais mundiais. Entender e se inserir em um contexto mundial e globalizado, com o intenso avanço das tecnologias e super adensamento das grandes cidades, faz parte da filosofia conceitual do MVRDV. O escritório do grupo tem desenvolvido vários projetos com propostas de habitações multifamiliares, adaptada as necessidades dos novos grupos domésticos.

O edifício WoZoCo localiza-se em Amsterdã, na cidade-jardim Westelijke Tuinsteden, idealizada nos anos 1950 e 1960. O



Figura 32 Edifício Wozoco, projeto do escritório MVRDV;
Fonte: www.e-architect.co.uk/



Figura 33 Grupo MVRDV; Fonte: www.designbuild-network.com

edifício faz parte do contexto da intensa densificação que enfrenta a área, ameaçando a permanência das áreas verdes, que segundo os próprios autores é a qualidade mais importante dessas áreas (Figura 34). (MEDRANO, 2005)

O edifício foi projetado em 1997, para abrigar pessoas com mais de 55 anos (idosos), não descartando a possibilidade de abrigar outros grupos de faixa etária diferenciadas. O programa deveria conter 100 apartamentos em um espaço que só comportaria 87. A solução adotada para tal situação foi colocar mais 13 apartamentos na fachada norte em balanço. A opção por colocar esses apartamentos anexados em balanço leva em consideração as leis de restrição de zoneamento, que estabelecem a quantidade de pavimentos de habitações coletivas.

O sistema estrutural dos apartamentos em balanço é resolvido através de vigas metálicas que aproveitam as espessuras das paredes e da altura das habitações suspensas, formando grandes treliças de sustentação que se fundem à estrutura do bloco principal (Figura 35). (MEDRANO, 2005)

Os apartamentos em balanço têm suas fachadas orientadas no sentido leste-oeste, enquanto o bloco principal está voltado para sul, pois pela legislação local, a iluminação e ventilação de habitações não



Figura 34 Imagem de satélite do edifício Wozoco. O edifício está inserido em uma cidade-jardim com edifícios predominantemente em fita; Fonte: Google Earth. Imagem modificada pelo autor

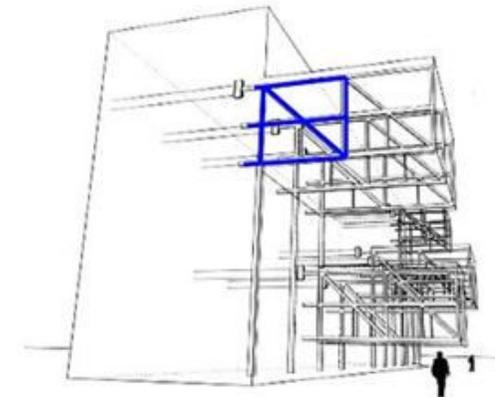


Figura 35 Esquemática da estrutura em treliça metálica que sustenta os apartamentos em balanço do edifício Wozoco; Fonte: olaalsaidy.blogspot.com/

podem ser feitas pela fachada norte, por isso se optou por colocar o corredor de acesso aos apartamentos neste sentido, os apartamentos também possuem iluminação indireta advinda da fachada norte através de janelas que dão vista para o corredor (Figura 36). Na porção oeste do edifício parte do andar térreo é utilizado pilotis, a fim de ampliar a área de convívio do ambiente.

Todos os apartamentos possuem área de aproximadamente 80 m², contendo apenas um dormitório, mas com um pequeno ambiente que pode ser utilizado como dormitório adicional. A distribuição destas habitações é bastante simples, priorizando a fachada sul para o dormitório principal e a sala, deixando a cozinha e serviços voltados para o corredor de circulação. Os banheiros são ventilados por dutos e iluminados artificialmente. As divisões internas, sem função estrutural, são leves e susceptíveis de flexibilização. As paredes entre os apartamentos possuem 8 cm a mais do que o necessário estruturalmente: a intenção é aumentar o isolamento acústico e incorporar em sua espessura parte do sistema estrutural da construção. (MEDRANO, 2005)

Os pontos a serem debatidos do Wozoco para a Nova Superquadra serão:



Figura 36 Corredor de acesso aos apartamentos do edifício Wozoco. O corredor se localiza na fachada norte (maior incidência de raios solares), para a iluminação dos apartamentos é utilizado janelas no corredor; Fonte: mvrdiv.nl/

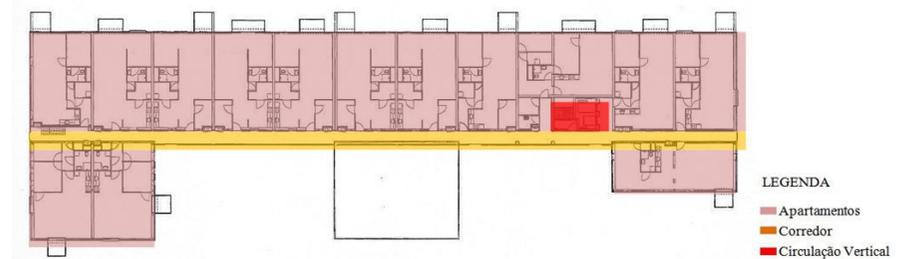


Figura 37 Planta do 5º pavimento do edifício Wozoco. A distribuição para os apartamentos são feitas por um corredor de circulação que dá acesso a vários apartamentos. Os apartamentos que se encontram isolados são os que se encontram em balanço; Fonte: housingprototypes.org/

.**Circulação horizontal**- ao distribuir as habitações em um corredor, observa-se o acréscimo de vários apartamentos.

.**Sistema Estrutural**- a **estrutura metálica** vem para fazer o suporte dos **apartamentos em balanço**.

.**Iluminação**- o artifício de colocar **janelas nos corredores**, a fim de iluminar ambientes que possuem um contato direto com a luz natural.

3.3 CIBOGA (PAÍSES BAIXOS)

CiBoGa (*Circus + Boden + Gasterrein* – Figura 38) é um projeto de recuperação urbana localizado no bairro Hortus na cidade de Groningen nos Países Baixos. O projeto prevê para o local a implantação de espaços de convivência e passagem para pedestres e pouca utilização do carro, além de sete edifícios de uso misto, sendo que destes, três já se encontram construídos, o *Schots 1 + 2* (*De Beren e Monikhof*) e o edifício *Trezoor* (Figura39).

A implantação dos edifícios busca uma maior permeabilidade de pedestres, fazendo com que as vias de automóveis tangenciem os limites da gleba e que o acesso de carro dos moradores e comerciantes para estes edifícios seja feita por estas vias através de garagem subterrânea. O tráfego de veículos no interior do CiBoGa se limita



Figura 38 Croqui da proposta de requalificação urbana (CiBoGa);
Fonte: <http://www.ciboga.nl/>



Figura 39 Imagem de satélite dos edifícios Schots 1 + 2 e Trezoor. Edifícios estes que fazem parte do conjunto arquitetônico e urbanístico do CiBoGa; Fonte: Google Earth

apenas a caminhões, para abastecimento das lojas e bicicletas, sendo que o uso deste último é bastante incentivado no projeto com a presença de ciclovias e bicicletários. O plano CiBoGa com estas estratégias projetuais intenta fazer uma integração do parque *Noorderplantsoen* que se localiza próximo ao empreendimento.

Os edifícios *Schots 1 + 2* (Figura 40) do escritório S333, foram projetados em 1998 e foram finalizados em 2003, no seu programa constam 145 casas e apartamentos e uma área de 4500 m² para comércios e serviços. Embora os dois prédios tenham volumetria, implantação e materiais de revestimento da fachada diferentes, eles pertencem ao mesmo conjunto de edifícios, sendo conectados pela garagem subterrânea e separados no nível do térreo por uma rua central de pedestres, que também contam com comércios em suas laterais. A conformação compositiva de cada um dos edifícios cria pátios internos que se diferenciam da agitada artéria comercial, por serem mais tranquilos, característica que é potencializada pela presença de casas que possuem suas portas da frente voltadas para estes pátios. (FRENCH, 2009. 212) (Figura 41, 42 e 43)

O estudo do projeto CiBoGa é de suma importância para a construção da nova superquadra, pois no mesmo é observado uma



Figura 40 Maquete dos Edifícios Schots 1+ 2. Os edifícios possuem uma relação direta com o urbanismo, pois eles fazem parte de um complexo de comércios, serviços e habitações; Fonte: <http://s333.org/>

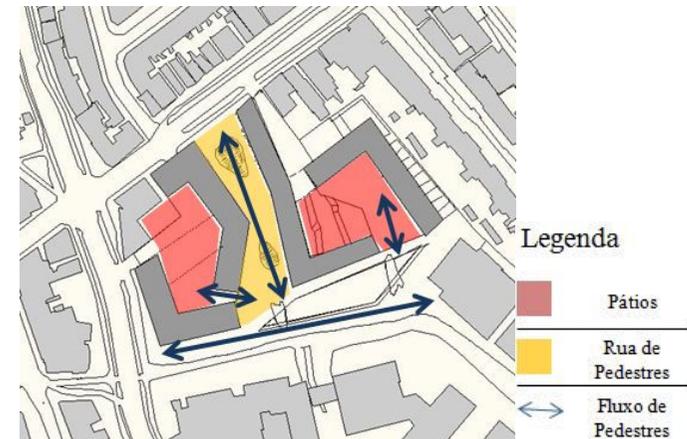


Figura 41 Organização das áreas livres dos edifícios Schots 1+2; Fonte: FRENCH (2009). Imagem modificada pelo autor

relação entre o edifício e o espaço urbano muito forte devido sua forma de apropriação e implantação no terreno, assim como a **diversidade de usos dentro de uma mesma área**, que no caso deste estudo de caso se faz pela **convívio harmônico de setores comerciais/serviços com os de habitação**. O projeto também proporciona ao **pedestre** a oportunidade do mesmo **experimentar o espaço** sem a interferência de vias para os carros, **valorizando** assim **o espaço público de convívio**. Fazendo uma comparação do CiBoGa com outras superquadras implantadas, nota-se que os espaços públicos dentro das áreas residenciais de Brasília parecem não ter muita importância para os projetistas, tornando estes espaços “restos” urbanos e a criação de pontos de encontro no projeto incentivam a interação entre pessoas. Com exposto, estes são aspectos que podem ser trabalhados de forma harmônica, a fim de garantir ao usuário/morador uma melhor ambientação e aproveitamento da gleba.

4. DA PROPOSTA AO PROJETO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO USUÁRIO

O usuário que a Nova Superquadra irá abrigar serão os estudantes da UnB. A escolha pelos alunos universitários se faz por ser observada a falta de moradia para os mesmos. Na Casa do Estudante Universitário (Figura 44 e 45) moram 544 alunos¹, sendo que a UnB, possui cerca de 25 mil alunos. Atualmente os prédios da Casa do Estudante Universitário, estão recebendo reformas, sendo necessária a realocação dos moradores/estudantes para as demais localidades do Plano Piloto².

Diferentemente da Casa do Estudante Universitário, a Nova Superquadra irá abrigar estudantes que queiram morar próximo à UnB e possuem condições de pagar aluguel. Condição essa que é observada nas imediações das quadras 400, onde na busca de moradia muitos estudantes acabam por alugar apartamentos nestas quadras para que fiquem próximos à universidade. Ao permitir que os alunos moradores da Nova Superquadra paguem aluguel, o dinheiro arrecadado movimentaria o caixa da Universidade de Brasília (uma



Figura 44 Imagem de satélite da Casa do Estudante Universitário da UnB, edifícios projetados por Léo Bonfim Junior, Alberto Fernando Xavier e Sólo Leão P. de Souza; Fonte: Google Earth (2011)



Figura 45 Imagem da Casa do Estudante Universitário da UnB. Fonte: <http://vsites.unb.br/> (2011)

¹ Dados do artigo *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*

² Matéria sobre a reforma dos prédios da Casa do Estudante Universitário. Disponível em < <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5002>> Acessado dia 13/05/2011.

vez que a superquadra SQN 207 pertence à Universidade de Brasília) e também iria contribuir para a manutenção da superquadra.

A opção por colocar estudantes universitários, como público alvo do projeto, trouxe uma reflexão sobre as necessidades de moradia dessa classe. Por terem uma vida mais “nômade”³, esses estudantes possuem uma relação cíclica com o lugar, que depende do tempo de finalização do curso.

Através dessas especificidades e levando em consideração o artigo “Uma visão sobre alojamentos universitários no Brasil” de Júnior, as habitações estudantis necessitam de: áreas de convívio social e áreas de serviço.

4.2 PARTIDO

Na concepção inicial do projeto, partiu-se do delineamento que os pedestres fazem em seu trajeto diário, mostrando que mesmo não estando construída a gleba se torna ponto de passagem para moradores e trabalhadores locais (Figura 46). Diferentemente das superquadras implantadas que ditam os caminhos a que o pedestre deve percorrer, a nova superquadra irá partir do uso micro para o

³ Os fatores que levam um aluno buscar a morar em uma república se deve pela não ocorrência de parentes que possam abrigá-lo na cidade de estudo, ou uma vontade de se tornar independente (pelo menos no quesito moradia), longe dos crivos familiares.



Figura 46 Sobreposição de informações: Mapa do CAD e imagem do Google Earth. Recurso utilizado para demarcar no CAD o trajeto dos pedestres nos espaços intraquadra; Fonte: Google Earth. Imagem modificada pelo autor

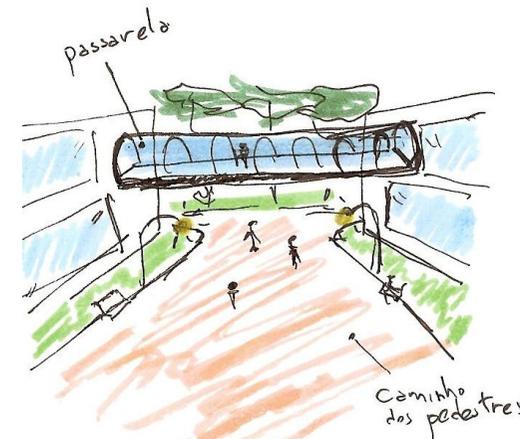


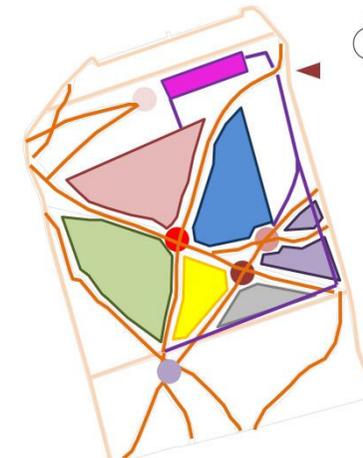
Figura 47 Croqui com o Caminho dos Pedestres e passarela translúcida (Entrequadras); Fonte: Autor, 2011

macro, sempre tentando favorecer a utilização do espaço público pelo transeunte. Tendo em vista esse partido, a área destinada aos equipamentos das entrequadras deve levar em conta esses caminhos, caso seja construído um único equipamento na área das entrequadras, o projeto ⁴ deve considerar o trajeto dos pedestres fazendo acessos entre uma área e outra através de passarelas translúcidas e/ou abertas (Figura 47), para que o térreo fique de livre acesso aos transeuntes. Ao normatizar como deve ser essas passarelas, espera-se que esse “corredor térreo” não vire ponto de criminalidade, outra diretriz para os equipamentos das entrequadras, será o uso de aberturas voltadas para esse espaço de percurso.

Após a definição das vias de pedestre, a superquadra adquire a seguinte configuração: (Figura 48)

- Vias- caracterizadas pelos passeios de pedestres (intraquadra e exoquadra)
- Nós- ponto de encontro entre as vias
- Áreas- espaços de intervenção para as massas edificadas e equipamentos urbanos

⁴ Fica de conhecimento de todos que a área das entrequadras, não será o foco do projeto de TFG, sendo estabelecido apenas diretrizes projetuais para a instalação do futuro equipamento.



Legenda

- Via de pedestre (intraquadra)
- Via de pedestre (exoquadra)
- Nó I (Central)
- Nó II (Secundário)
- Nó III (Secundário)
- Nó IV (Terciário)
- Nó V (Entrequadra)
- Área I (Esporte/Lazer)
- Área II (Prefeitura)
- Área III (Edifício Misto)
- Área IV (Edifício Misto)
- Área V (Edifício Misto)
- Área VI (Edifício Misto)
- Via de automóveis
- Estacionamento Visitantes

Figura 48 Análise dos vazios e pontos de entroncamento da superquadra, feitos através do trajeto dos pedestres. Fonte: Autor, 2011

- Estacionamento de visitantes- em suas atuais condições, a gleba serve de estacionamento aos veículos do comércio local, para isso foi proposto estacionamento para atender o comércio local e os visitantes da superquadra

Para a constituição das áreas a serem edificadas, foi observado seis áreas livres. Primeiramente foi traçado linhas de força nestas áreas configurando em uma forma fechada. Na etapa seguinte foi traçado linhas inscritas as primeiras da etapa 1 (Figura 49), porém as formas geradas são pouco convidativas, para isso foi proposto a explosão das formas. (Figura 50) Seguindo uma hierarquia das vias intraurbanas diagonais à Nova Superquadra, a locação das massas edificadas acontece próximo aos passeios, tornando estas vias corredor de comércio/serviço. (Figura 51)

Ao traçar a locação dos edifícios a nova configuração da superquadra pode ter a seguinte macrosetorização: (Figura 52)

- A cidade- se refere aos itens constituintes que atendem a cidade e o público em geral.
- a) Mobilidade- se refere ao deslocamento tanto de pedestres quanto de carros

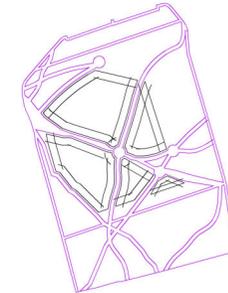


Figura 49 ETAPA 1: Traçar edifícios comerciais e de serviço nos espaços tangentes as vias intraquadras; Fonte: Autor, 2011

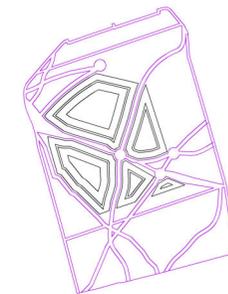


Figura 50 ETAPA 2: Traçar edifícios nos espaços tangentes aos edifícios comerciais/ serviços; Fonte: Autor, 2011

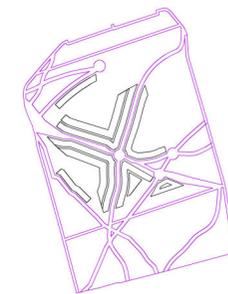


Figura 51 ETAPA 3: Quebra das formas fechadas para que os edifícios sejam mais convidativos; Fonte: Autor, 2011

- b) Equipamentos- Abrangem playground, equipamentos de musculação e de musculação funcional
- c) Prefeitura- Fará a administração da superquadra e coordenação da locação dos estudantes em cada moradia. Também serão feitas reuniões de condomínio.
- d) Fonte- Será estrategicamente locada próxima ao entroncamento do nó 2 e nó 3 para aproveitar os ventos dominante se amenizar o clima na superquadra
- e) Vegetação- Massa vegetal

- Edifícios mistos- unidades habitacionais, de comércio e serviço, que correspondem às massas edificadas da nova superquadra.

- a) Comércio/ Serviço- Irá compor este setor Biblioteca, academia, restaurantes, banca de revista, lavanderia e cyber-café.
- b) Pátios- espaços de convivência, lazer e etc.
- c) Edifícios- Moradia de 6 pavimentos, onde se encontram as moradias dos estudantes.

Para que seja contabilizado na área de ocupação das superquadras apenas os 15% estipulados pela PORTARIA Nº 314, DE 08 DE OUTUBRO DE 1992 – IPHAN (Anexo 1), foi pensado em

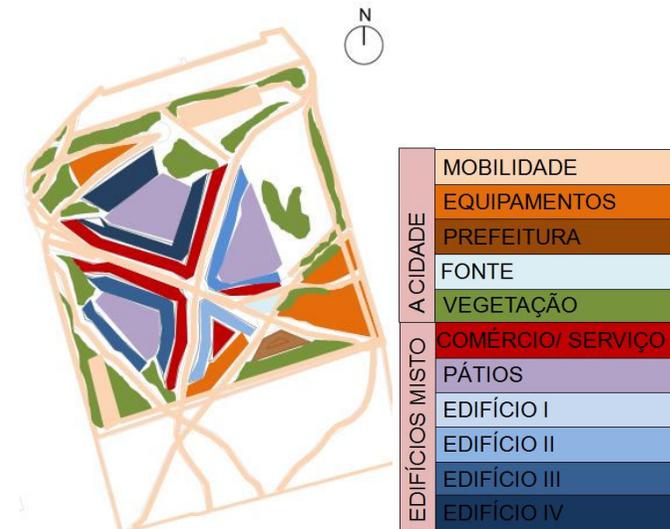


Figura 52 Macrosetorização da superquadra; Fonte: Autor, 2011

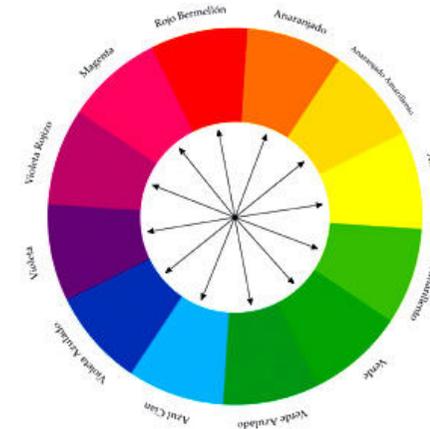


Figura 53 O círculo cromático foi utilizado para compor as cores dos edifícios; Fonte: Autor, 2011

utilizar a laje dos edifícios serviço/comercial pelo público, contabilizando assim apenas as áreas dos edifícios habitacionais, seriam criados nestes “novos espaços públicos” áreas de transição, contemplação e convívio. Nos prédios foram pensados em espaços de convivência /mirante (público térreo e 1º pavimento e privado nos demais pavimentos. Para a caracterização e a fácil assimilação cada prédio utilizou-se da combinação de duas cores opostas do círculo cromático. (Figura 53)

As moradias mobiliadas possuem móveis que configuram o espaço de acordo com as atividades ocorridas no ambiente ⁵ (Figura 54). Alguns ambientes também possuem portas corrediças ou venezianas para que hora o ambiente fique integrado ao outro, hora o ambiente fique restrito. Fazendo com que os apartamentos adquiram diferentes configurações de acordo com as atividades ocorridas no ambiente.

Na constituição das habitações foram definidas por um módulo base ⁶ de 9,90 x 8,25m (Figura 55) aonde o mesmo irá se adaptar as seguintes quantidades de morador por apartamento: 1 morador (módulo dividido em 2), 2 moradores, 4 moradores (duplex) e 5

⁵ Ver projeto do apartamento de Carlos Requena na página 13

⁶ O módulo foi obtido através dos parâmetros mínimos para cada cômodo no Código de Edificações de Brasília.



Figura 54. 1º) Mesa Joly assinado por Guto Requena. 2º) Cama de teto;
Fonte: 1º) flicker.com/photos/gutorequena 2º) treehugger.com/sustainable-product-design/bedup-the-space-saving-bed-that-falls-from-the-ceiling.html

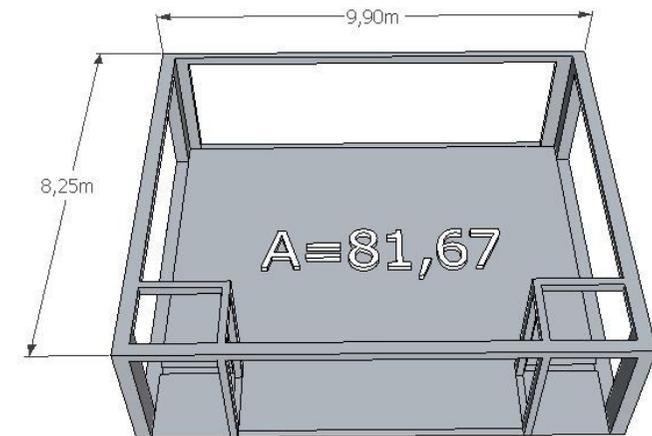


Figura 55 Módulo base para a conformação das moradias dos estudantes;
Fonte: Autor, 2011

moradores (duplex). Os acessos aos apartamentos são feitos por um corredor, que funciona também como um espaço de convivência, devido à utilização de bancos na frente da janela das moradias. (Figura 56) Os corredores dos edifícios são todos voltados para o sentido de maior incidência solar. A iluminação e a ventilação nos apartamentos se fazem pelas janelas próximas as extremidades opostas. (Figura 57) A janela que está diretamente em contato com o corredor de circulação, possui a tecnologia do “vidro opacado eletronicamente”, onde se controla se o vidro será opaco ou translúcido, bloqueando ou permitindo a visão quando desejada, apresentam também excelente propriedade acústica.

Outra tecnologia utilizada para evitar que o som de um apartamento passe para o outro é a utilização dos cbloco, tijolo de cerâmica que apresenta furos não paralelos, o que configura a não passagem de som, quanto maior a espessura do tijolo menor o índice de incidência sonora.

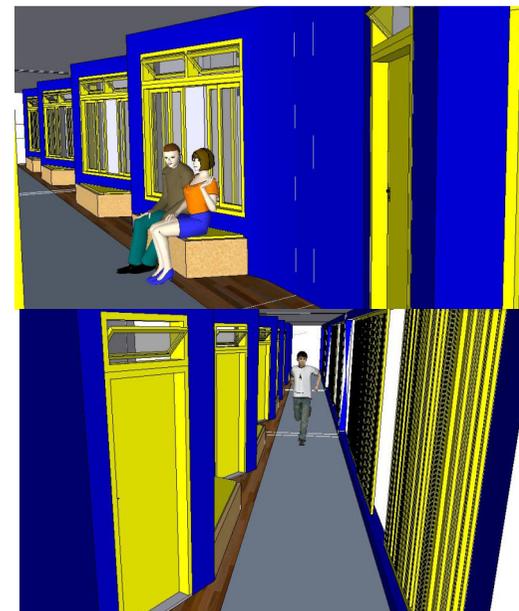


Figura 56 Imagem do corredor de um dos edifícios. A utilização de bancos no corredor reforça o espaço de convivência. A configuração dentada dá ao corredor ; Fonte: Autor, 2011.

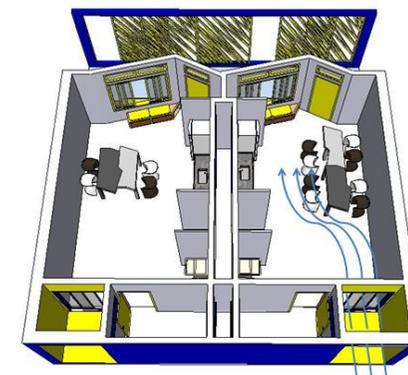


Figura 57 Imagem perspectivada do módulo, ilustrando as aberturas que facilitam a entrada de iluminação e ventilação; Fonte: Autor, 2011



Figura 58 Maquete física da organização da Nova Superquadra; Fonte: Autor, 2011

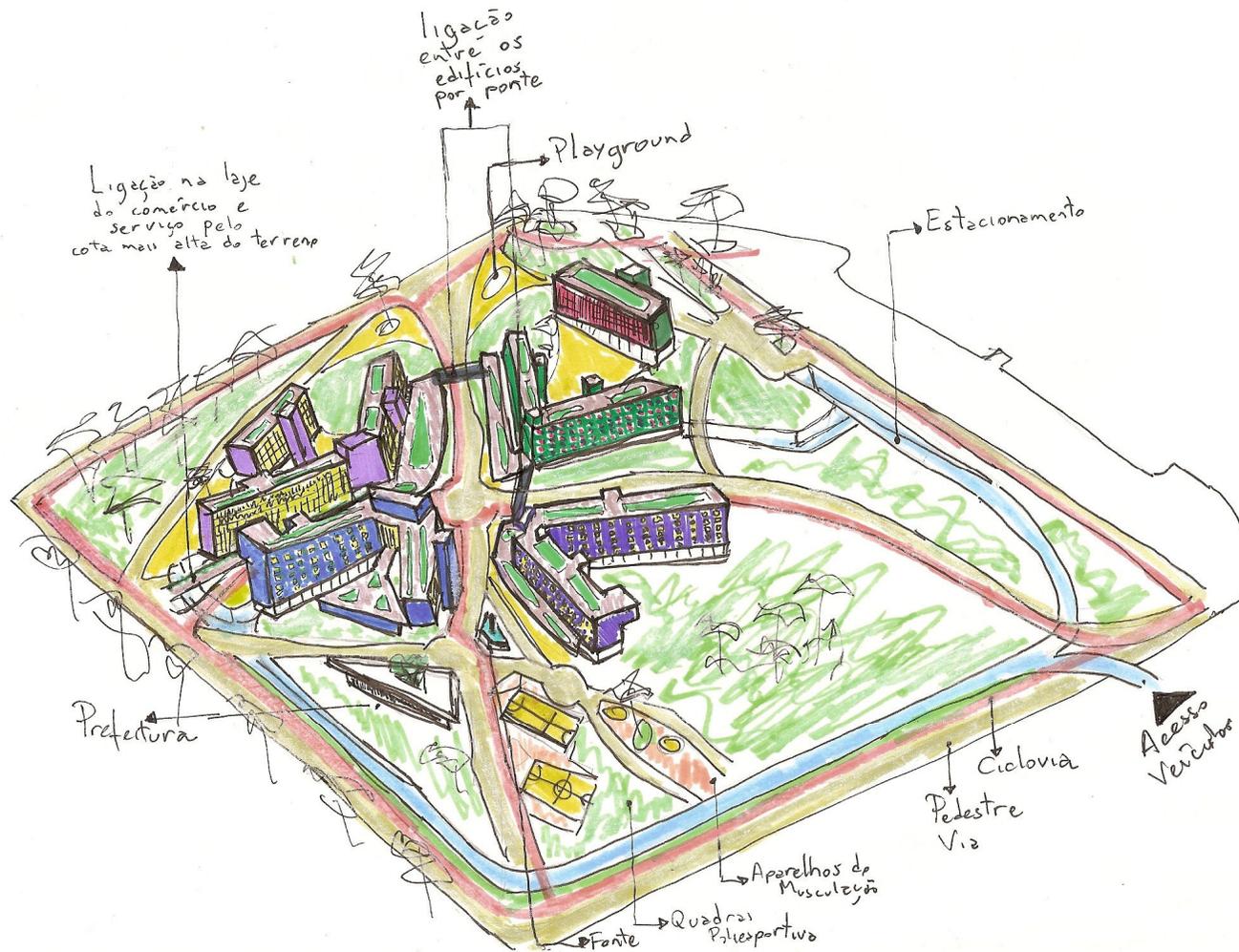


Figura 59 Croqui esquemático da Nova Superquadra; Fonte: Autor, 2011.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não- lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Trad. Lúcia Mucznik, Bertrand Editora, 1994.

ACIOLY, C. & DAVIDSON, F. *Densidade Urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

BARCELLOS, Vicente Quintella. *Unidade de Vizinhança: Notas Sobre a Origem, Desenvolvimento e Introdução no Brasil*. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. 2004

BENEVENTE, Varlete. **TRAMONTANO**, Marcelo. *Comportamentos & Espaços de Morar: leituras preliminares das pesquisas nomads*. São Carlos: EESC-USP, 2003

BRAGA, Milton. *O Concurso de Brasília*. Editora Cosac Naif. São Paulo- SP. 2010

BRANDÃO, Ludmila. *A Casa Subjetiva*. Editora Perspectiva. São Paulo-SP. 2002

CARPANEDA, Luciana Viana. *Contribuições para o Desenho de Espaços Seguros: Um Estudo de Caso nas Superquadras do Plano Piloto de Brasília*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 2008

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo*. Editora Perspectiva. São Paulo-SP. 1965.

COSTA, Lucio. *Brasília Revisitada, 1985-1987*. In:_____. GDF Código de Obras e Edificações de Brasília. Brasília: GDF, 1989.

_____. *Memorial do Plano Piloto de Brasília*. Documento apresentado à comissão julgadora para a escolha do projeto da nova Capital. 1957

_____. *1º Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília*. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília.1974

FERREIRA & GOROVITZ; Marcílio Mendes e Matheus. *A invenção da Superquadra: o conceito da Unidade de Vizinhança em Brasília*. Brasília: IPHAN / Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2009.

FREITAS, Grace de. *Brasília e o Projeto Construtivo Brasileiro*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 2007

GOROVITZ, Matheus. *Brasília Uma Questão de Escala*, São Paulo: Projeto, 1985

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar in Choay, Françoise, *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva

JÚNIOR, Adalberto José Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. DOCOMOMO_5. FAU_UnB.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *Breve histórico do espaço urbano como campo disciplinar*. In: GONZALES, Sueli et al. *O espaço da cidade – contribuição à análise urbana*. São Paulo: Projeto, 1985.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2007

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LE MOS, André. *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008

LEITÃO, Francisco. *Brasília: 1960-2010- Passado, Presente e Futuro*. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUMA. Brasília-DF. 2009

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. Editora Ática – São Paulo. 2001

MEDRANO, Leandro. *Habitação Coletiva, Verticalidade e Cidade. Modernidade Sem Estilo*. In: *Arquitetura Revista*, V.1 n°2, jul-dez 2005

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *Casa e Lar: A Essência da Arquitetura*. 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>

NOMADS.USP. *97_07: dez anos de morar urbano no Brasil*. Relatório de pesquisa. São Carlos: EESC-Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em < http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/97_07final.pdf>. Acesso em: 09/04/2011

PESSÔA - José Simões de Belmont Brasília e o Tombamento de uma Idéia. (jpeessoa@alternex.com.br) Escola de Arquitetura e

Urbanismo – UFF
<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/074R.pdf>

RELPH, Edward. *A Paisagem Urbana Moderna*. Edições 70 – Rio de Janeiro- RJ - 1987

REQUENA, Carlos. *Habitar Híbrido: Interatividade e Experiência na Era da Cibercultura*. São Carlos: USP, Escola de engenharia de São Carlos. 2007

RYBCZYNSKI, W. *Casa: pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTIAGO, Marcelo. *Novas Formas de Morar- Arquitetura em Movimento*. PUC- Minas- 2002.

SANTOS, Liônes. *A Condição Cyborg, In.:* 2008

TRAMONTANO, Marcelo. *Novos modos de vida, novos espaços de morar- Uma Reflexão Sobre a Habitação Contemporânea*. São Carlos: USP, Escola de engenharia de São Carlos. 1998.

TRAMONTANO, Marcelo. *Habitação, hábitos e habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas*. São Carlos: Nomads, Núcleo de estudos sobre habitação e modos de vida. Disponível em:

http://www.eesc.sc.usp.br/nomads/livraria_artigos_online_habitos_habitantes.htm> Acesso em: 02/04/2011)

VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Editora Rio de Janeiro: Zahar, 1973

MEIO ELETRÔNICO:

Todos os site foram acessados no período de março a outubro de 2011

<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5002>

<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/censo-2010-confirma-que-familias-brasileiras-estao-menores>

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/0404sintese.shtm>

<http://oglobo.globo.com/blogs/paulistana/posts/2011/02/28/triptyque-nem-minimalista-nem-maximalista-arquitetura-de-emocoes-365961.asp>

<http://www.erikapalomino.com.br/erika2006/lifestyle.php?m=3284#titulo>

<http://s333.org/s333.project.1029.CiBoGa3.html>

http://www.ciboga.nl/cms/26april_eerstepaalTrezoor-6092.php

<http://issuu.com/saph/docs/aasciboga>

<http://www.staatingroningen.nl/1709/trezoor>

<http://www.ciboga.nl/cms/Historie-5488.php>

<http://www.archined.nl/en/reviews/ciboga-under-construction/>

<http://nl.wikipedia.org/wiki/CiBoGa>

<http://fanavid.com/pt/fanavid-produtos-arquitetura/fanavid-vidro-control-transparencia.html>

<http://www.vidros.inf.br/lancamentos-a-novidades/novas-versoes-do-vidro-opacado-eletronicamente-tentam-conquistar-o-mercado.php>

ANEXOS

ANEXO 1

PORTARIA Nº 314, DE 08 DE OUTUBRO DE 1992 - IPHAN

O PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL - IBPC, no uso de suas atribuições legais, e em cumprimento do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, resolve:

Art. 1º Para efeito de proteção do Conjunto Urbanístico de Brasília, tombado nos termos da decisão do Conselho Consultivo da SPHAN, homologada pelo Ministro da Cultura, ficam aprovadas as definições e critérios constantes da presente Portaria.

§ 1º A realidade física territorial correspondente ao bem tombado a que se refere o caput deste artigo é compreendida como o conjunto urbano construído em decorrência do Plano Piloto vencedor do concurso nacional para a nova capital do Brasil, de autoria do arquiteto Lucio Costa.

§ 2º A área abrangida pelo tombamento é delimitada, a leste pela orla do lago Paranoá, a oeste pela Estrada Parque Indústria e

Abastecimento - EPIA, ao sul pelo córrego Vicente Pires e ao norte pelo córrego Bananal.

Art. 2º A manutenção do Plano Piloto de Brasília será assegurada pela preservação das características essenciais de quatro escalas distintas em que se traduz a concepção urbana da cidade: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica.

[...]

Art. 4º A escala residencial, proporcionando uma nova maneira de viver, própria de Brasília, está configurada ao longo das alas Sul e Norte do Eixo Rodoviário Residencial e para sua preservação serão obedecidas as seguintes disposições:

I. Cada Superquadra, nas alas sul e norte, contará com um único acesso para transporte de automóvel e será cercada, em todo o seu perímetro, por faixa de 20,00m (vinte metros) de largura com densa arborização;

II. Nas duas alas, sul e norte, nas seqüências de Superquadradas numeradas de 102 a 116, de 202 a 216 e de 302 a 316, as unidades de habitações conjuntas terão 06 (seis) pavimentos, sendo edificadas sobre piso térreo em pilotis, livre de quaisquer construções que não se destinem a acessos e portarias;

III. Nas duas alas, sul e norte, nas seqüências de Superquadradas duplas numeradas de 402 a 416, as unidades de habitações conjuntas terão 03 (três) pavimentos, sendo edificadas sobre pisos térreos em pilotis, livre de quaisquer construções que não se destinem a acessos e portarias;

IV. Em todas as Superquadradas, nas alas sul e norte, a taxa máxima de ocupação para a totalidade das unidades de habitações conjuntas é de 15% (quinze por cento) da área do terreno compreendido pelo perímetro externo da faixa verde;

V. Além das unidades de habitações conjuntas serão previstas e permitidas pequenas edificações de uso comunitário, com, no máximo, um pavimento;

VI. Na ala sul, os comércios correspondentes a cada Superquadra deverão sempre ser edificadas, em relação às referidas Superquadradas, na situação em que se encontram nesta data;

VII. As áreas entre as Superquadradas, nas alas sul e norte, denominadas Entrequadradas, destinam-se a edificações para atividades de uso comum e de âmbito adequado às áreas de vizinhança próximas, como ensino, esporte, recreação e atividades culturais e religiosas.

[...]

Art. 8º A escala bucólica, que confere a Brasília o caráter de cidade-parque, configurada em todas as áreas livres, contíguas a terrenos atualmente edificados ou institucionalmente previstas para edificação e destinadas à preservação paisagísticas e ao lazer, será preservada observando-se as disposições dos artigos subseqüentes.

Art. 9º São consideradas áreas non-aedificandi todos os terrenos contidos no perímetro descrito nos parágrafos 1º e 2º do artigo 1º desta Portaria que não estejam edificados ou institucionalmente destinados à edificação, nos termos da legislação vigente, à exceção daqueles onde é prevista a expansão predominantemente residencial em Brasília Revisitada, que constituem os anexos I e II desta Portaria;

§ 1º Nas áreas referidas no caput deste artigo, onde prevalece a cobertura vegetal do cerrado nativo, esta será preservada e as demais serão arborizadas na forma de bosque, com particular ênfase ao

plântio de massas de araucária, no entorno direto da Praça dos Três Poderes;

§ 2º Nas áreas non-aedificandi poderão ser permitidas instalações públicas de pequeno porte que venham a ser consideradas necessárias, desde que, apreciados pelo CAUMA, sejam submetidos à consideração do IBPC;

§ 3º Excepcionalmente, e como disposição naturalmente temporária, serão permitidas, quando aprovadas pelas instâncias legalmente competentes, as propostas para novas edificações encaminhadas pelos autores de Brasília - arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer - como complementações necessárias ao Plano Piloto original e, portanto, implícitas na Lei Santiago Dantas (Lei nº 3.751/60) e no Decreto nº

10.829/87 do GDF que a regulamenta e respalda a inscrição da cidade no Patrimônio Cultural da Humanidade.

ANEXO II

		PARÂMETROS MÍNIMOS						
		Área (m ²)	Dimensão (m)	Aeração/ Iluminação	Pé-Direito (m)	Vão de Acesso (m)	Revest. Piso	Observações
AMBIENTES	Sala de Estar	12,00	2,85	1/8	2,50	0,80		
	Dormitórios e Compartimentos com Múltiplas Denominações Reversíveis	1º) 10,00 2º) 9,00 demais 8,00	2,40	1/8	2,50	1º) 0,8 demais 0,70		
	Dormitório Empregada	4,00	1,80	1/8	2,50	0,70		
	Cozinha	5,00	1,80	1/8	2,50	0,80	Lavável	_ quando conjugada com a cozinha não pode aerar e iluminar quarto e banheiro de empregada.
	Área de Serviço	4,00	1,50	1/10	2,50	0,80	Lavável	_ revestimento das paredes do box_ lavável e impermeável altura mínima = 1,50m
	Banheiro (1º)	_	1,10*	1/10*	2,25	0,80	Lavável	
	Banheiro Empregada	1,60	1,00*	1/10*	2,25	0,60	Lavável	
	Lavabo	1,20	0,80	duto 200 mm*	2,25	0,60	_	
	Circulação	_	0,80	_	2,25	_	_	_ acima de 8m dimensão mínima igual a 10% do

								comprimento
	Escada Curvilínea ou Retilínea		0,80		2,25			_curvilínea de uso restrito _no mínimo 0,60m de raio
	Abrigos, Varandas, Garagens				2,25			
<p>*Dispensa Iluminação Natural .Aeração e iluminação referem-se à relação área da abertura e do piso. .Diâmetro do Banheiro é inscrito e livre de quaisquer obstáculo. .Metade do vão exigido para aeração e iluminação para aerar. .Parâmetros não definidos na tabela estão liberados</p>								

Tabela 3 Código de Edificações do Distrito Federal

Anexos (projeto)